



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer

Área Interdisciplinar

LEONARDO FERNANDO DE JESUS

**A CAPOEIRA NO PERÍODO DA DITADURA
MILITAR (1964 – 1985) NO CONTEXTO DE BELO
HORIZONTE – MG: DIÁLOGOS ACERCA DOS
PROCESSOS DE RESISTÊNCIA E
ENQUADRAMENTO NA PRÁTICA DA
CAPOEIRAGEM**

Belo Horizonte

Universidade Federal de Minas Gerais

2015

LEONARDO FERNANDO DE JESUS

**A CAPOEIRA NO PERÍODO DA DITADURA
MILITAR (1964 – 1985) NO CONTEXTO DE BELO
HORIZONTE – MG: DIÁLOGOS ACERCA DOS
PROCESSOS DE RESISTÊNCIA E
ENQUADRAMENTO NA PRÁTICA DA
CAPOEIRAGEM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lazer.

Área de Concentração: “Lazer e sociedade”

Orientador: Prof. Dr. Walter Ernesto Ude Marques

Belo Horizonte

Universidade Federal de Minas Gerais

2015

DEDICATÓRIA

Aos meus Mestres Rogério, Lu Pimenta, Suassuna e Boca por todo ensinamento me oferecido no universo da Capoeira e na vida.

À todos os capoeiras que lerão este trabalho.

À minha Avó Maria Joanna, por tudo.

“Iê Viva Meu Mestre!”

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares que sempre me apoiaram em meus estudos e por acreditarem em mim.

À Capoeira, por fazer parte de minha formação como homem.

Aos colegas da minha turma de mestrado – Juliana, Sandra, Rita, Irene, Mariana, Adriana, Arthur, Tibério, Alexandre, Érick, Evaldo, Tio Fil e Ronaldo – sem o apoio deles, dificilmente este trabalho estaria concluído.

Aos meus amigos, que estão comigo mesmo quando estou longe.

Aos Mestres que me concederam um pouco do seu tempo para me conceder as entrevistas.

Que Deus abençoe todos vocês!

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

À Deus! Meu protetor, meu Senhor e meu Guia!

À minha Mãe Maria Helena, meu amor!

Às minhas Mães, Silvia, Flora e Célia, meus amores!

Ao Walter Ude, meu mentor!

À Mestre Lu Pimenta, minha mestre!

Que Deus abençoe todos vocês!

RESUMO

A Capoeira é um misto de luta, dança e jogo, que articula distintos aspectos da sua prática cultural nos processos constitutivos da subjetividade dos sujeitos nos momentos de sua expressão. Este trabalho tem o propósito de pesquisar e discutir, através de estudos históricos, documentais, relatos de Mestres dessa prática cultural afrobrasileira, dentre outras estratégias metodológicas, como os capoeiristas faziam da sua luta uma opção de lazer através de um misto de resistência e/ou de enquadramento perante um regime autoritário. Durante o período da Ditadura Militar, algumas rodas de capoeira que aconteciam nas ruas ou nas praças de Belo Horizonte, eram vigiadas por policiais, às vezes, a paisana, quando a polícia suspeitava que aquela roda apresentasse um caráter subversivo, a roda era repreendida e prendiam-se alguns capoeiras. No início dos anos 70, a Capoeira já tomava conta do país e, conseqüentemente, aconteceu, o que chamarei de “exportação de capoeiras”, pois nesta época, muitos capoeiristas da classe média paulistana e carioca foram dar aulas de Capoeira no exterior, inicialmente Estados Unidos e logo em seguida Europa, já nos anos 80, capoeiristas mineiros começaram a se aventurar em terras estrangeiras. Percebe-se que o período correspondente ao Regime Militar trouxe várias mudanças na Capoeira, as federações, batizados, campeonatos, o que acarretou em diversas interpretações. Me recorri a uma pesquisa qualitativa, com entrevistas por pauta a três grandes mestres de Belo Horizonte, que foram protagonistas da Capoeira mineira no período da Ditadura Militar. As respostas obtidas evidenciaram a resistência por parte de alguns e o enquadramento por parte de muitos, logo percebe-se que o Regime Militar trouxe vários benefícios à Capoeira.

Palavras chave: Capoeira, Ditadura Militar, Resistência, Enquadramento.

ABSTRACT

The Capoeira is a mixed fight, dance and play, that articulates different aspects of cultural practice in the subjectivity process constituent subject in moment expression. This work aims to research and discuss, through historical, documentary studies, Masters of reports that Afro-Brazilian cultural practice, among other methodological strategies, as capoeiristas did their struggle a leisure option through a mix of strength and framework towards an authoritarian regime. During the period of Military Dictatorship, some Capoeira's wheel taking place on the streets or in the squares of Belo Horizonte, were guarded by police sometimes uncover, when the Police suspected that Wheel submit a subversive character, the wheel was reprimanded and bound up some capoeiras. In the early 70's, Capoeira was already taking over the country and consequently happened, what I will call "capoeira's export", because this time, many capoeiristas of São Paulo and Rio middle class, were giving Capoeira classes abroad, initially US and soon Europe, already in the 80's, capoeiristas miners began to venture in foreign lands. It is felt that the period of the Military Regime has brought several changes in Capoeira, federations, baptisms, championships, which resulted in various interpretations. I resorted to a qualitative research with interviews by staff to three great Masters of Belo Horizonte, which were protagonists of mining Capoeira during the Military Dictatorship. The responses showed resistance by some and the environment from many, one soon realizes that the Military Regime has brought many benefits to Capoeira.

Keywords: Capoeira, Military Dictatorship, Resistance, Framing.

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	11
1.1 – Justificativa	14
1.2 – Objetivo Geral	15
1.3 – Objetivos Específicos.....	16
2 – AO PÉ DO BERIMBAU	17
2.1: Alguns aspectos históricos da Capoeira:.....	24
2.2: Breves Antecedentes do golpe da Ditadura Militar: do populismo ao endireitamento sob os auspícios imperialistas	30
2.3: Ditadura Militar e Capoeira: tensões entre a prescrição de um enquadramento institucional e a resistência cultural no contexto de Belo Horizonte - MG.....	35
3 – VOLTA AO MUNDO	40
3.1: Quanto às Entrevistas.....	43
3.2: Quanto aos encontros.....	44
3.3: Quanto às transcrições	47
3.4: Quanto aos documentos.....	48
4 – DISCUSSÕES.....	49
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS (IÊÊÊÊ).....	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68
LEITURAS COMPLEMENTARES	69
ANEXO A – TCLE	71
ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	72

1 – INTRODUÇÃO

Na turma do bairro, buscávamos relação estreita com a cultura popular, nutrindo por ela enorme respeito e vivendo festas, folguedos e brincadeira que uma comunidade provinciana ainda oferecia. Mas ali também nos apropriávamos do mundo, discutindo literatura, sociologia e, principalmente, política. Cada qual buscava, à sua maneira, exercer suas potencialidades, encontrar sua identidade (Mestre Bola Sete, 2003, p.13).

A Capoeira é um misto de luta, dança e jogo, que articula distintos aspectos da sua prática cultural nos processos constitutivos da subjetividade dos sujeitos nos momentos de sua expressão. Para Morin (1996) a subjetividade vem do íntimo do sujeito, e representa uma configuração que integra níveis pessoais e sociais que possibilitam formas singulares de como ele vê, sente, e pensa a respeito sobre algo que não segue um padrão, pois sofre influências da cultura, educação, religião e experiências compartilhadas. Sendo assim, a Capoeira e seus adeptos constroem cenários que produzem o encantamento de um jogo místico que só seus praticantes conseguem expressar a complexidade dos distintos elementos que integram a capoeiragem e seus mistérios.

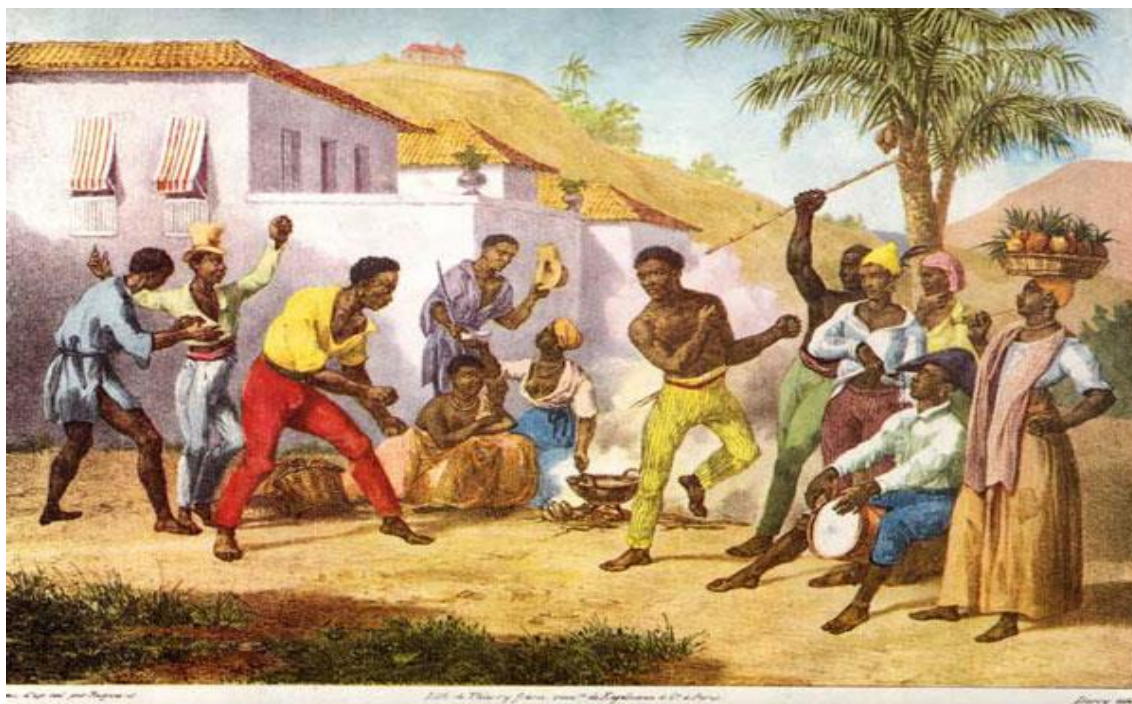


Figura 1: 'Capoeira'-oil on canvas(1834) de Rugendas. Obra luta típica da cultura afro-brasileira.

Pensando a partir dessa concepção da subjetividade, venho apresentar as tensões e os enquadramentos gerados entre a Capoeira e a Ditadura Militar em Belo Horizonte, MG, no período entre 1964 e 1985, com o objetivo de compreender algumas mudanças ocorridas no jogo da Capoeira durante este período.

Sendo assim, este trabalho tem o propósito de pesquisar e discutir, através de estudos históricos, documentais, relatos de Mestres dessa prática cultural afrobrasileira, dentre outras estratégias metodológicas, como os capoeiristas faziam da sua luta uma opção de lazer através de um misto de resistência e/ou de enquadramento perante um regime autoritário. Essa ambiguidade na expressão da capoeira - entre a conformidade e a inconformidade - representa seu modo peculiar de organizar suas práticas por meio de expressões que integram as polaridades dialéticas das distintas dimensões humanas, sem dicotomizar aspectos como corpo e mente, emoção e razão, o profano e o sagrado, o bem e o mal, como é próprio das culturas de matriz africana (NIGRI, 2014 p. 64).

Para Le Goff (1990, p. 535) “a memória coletiva e a sua forma científica, a história, aplicam-se a dois tipos de materiais: *os documentos e os monumentos.*” Investigar a história representa um trabalho árduo, o qual necessita de documentos e registros (simbólicos e materiais) que possam legitimá-la. Nesse aspecto, a capoeira perdeu muitos de seus documentos (quando foi Ministro da Fazenda, Rui Barbosa ordenou a queima de todos os documentos referentes à escravidão), mas não deixou de resistir por meio da inscrição da sua história nas suas ladainhas, chulas, corridos, expressões corporais, rituais, instrumentos musicais e relatos históricos transmitidos aos seus praticantes através dos mestres mais velhos, que são verdadeiros “monumentos” dessa arte-luta.

A Capoeira, por muito tempo da história, foi proibida, tanto pelas mãos dos senhores coloniais, no uso da chibata, ou na República por meio do Código Penal Brasileiro, quando se tornou criminalizada pelo Estado, como também pelos olhos da sociedade devido ao preconceito racial, político e cultural provocado pela elite brasileira. No entanto, a luta dos Capoeiristas por liberdade recorreu ao uso de toda sua malandragem, carregada de malícia e mandinga, para inseri-la no contexto social, cultural e político, nos distintos

momentos históricos do país, na demarcação do pertencimento social dos afrodescendentes. A capoeira, logo após a abolição da escravatura, foi regada por inúmeras leis e decretos proibitivos e repressivos que tentaram coibir ou até suprimir sua manifestação, fazendo com que os capoeiras tomassem atitudes para que a sua cultura perpetuasse e permanecesse viva por várias gerações.

Durante o período da Ditadura Militar, algumas rodas de capoeira que aconteciam nas ruas ou nas praças de Belo Horizonte, eram vigiadas por policiais a paisana, sendo que nessas rodas encontravam-se capoeiristas distintos em termos de idade, classe social, e aspectos étnico-raciais, como praticantes negros, pardos e brancos; enfim, a capoeira representava uma prática para todo aquele que quisesse vadiar. Em determinadas circunstâncias, quando a polícia suspeitava que aquela roda apresentasse um caráter subversivo, roda era repreendida e prendia-se alguns capoeiras.

Desde a sua origem os capoeiristas usufruem do seu lazer na circunscrição das rodas de Capoeira, um lugar no qual podiam encontrar e fazer amigos, articular seus movimentos corporais, sociais, culturais e políticos, ou até mesmo resolver alguma contenda. Todavia, no período republicano, por conta desses momentos de lazer vigiados pela presença da polícia nas mediações das rodas de capoeira, o seu aspecto de luta foi sendo ocultado e o jogo mais evidenciado por meio do disfarce de dança e folguedo, desde os tempos da cavalaria (polícia montada da época). Nesse processo de tentativa de descaracterizar a Capoeira como um movimento histórico legítimo do povo negro, a sua prática foi classificada pela literatura brasileira como uma das manifestações folclóricas do país, no intuito de dar um caráter festivo e espetacular aos modos de produção cultural oriundos dos africanos.

O lazer é entendido aqui “como a cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída), no ‘tempo disponível’. É fundamental como traço definidor, o caráter ‘desinteressado’ dessa vivência. Não se busca, pelo menos basicamente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A ‘disponibilidade de tempo’ significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa” (MARCELLINO, 2006, p.).

Apesar de todas as implicações da época, de todo contexto e de todos os conflitos e tensões que envolviam a prática da capoeira, os capoeiras não

deixaram sucumbir alguns elementos da sua tradição cultural e da sua ancestralidade, e fizeram da sua arma de guerra uma ferramenta de resistência e de transgressão enfrentando tensões que oscilaram entre o jogo da inclusão marginal do capitalismo e formas de resistência que preservaram a historicidade e a identidade de um povo que sofreu a escravidão, a colonização, a Ditadura Militar, e os processos neoliberais do mundo contemporâneo.

1.1 – Justificativa

Este estudo parte da minha experiência como praticante de Capoeira e das indagações que tive ao longo dos anos. Indagações sobre como os capoeiristas conseguiram deixar viva e espalhar pelo mundo uma luta que sempre foi perseguida.

Ao pensar no Regime Militar, logo me vem à cabeça repressão, prisões, torturas e assassinatos, o que me remonta o período escravocrata brasileiro. Sendo assim, optei por estudar este período e relacionar as tensões com os enquadramentos gerados pelos confrontos entre os capoeiristas e o governo.

Minha inserção na Capoeira se deu por conta de uma roda de rua onde eu vi um capoeira fazendo saltos mortais, que na minha visão eram incríveis e era isso que eu queria aprender. Comecei a treinar, na mesma academia do grupo que havia feito a roda, e fui percebendo que a Capoeira não era apenas os saltos mortais e acrobacias e que raramente havia uma brincadeira nos dias de treino. Os treinamentos envolviam alongamentos e aquecimentos com corridas em torno da quadra, exercícios calistênicos, flexões de braço (com inúmeras variações), sequências intermináveis de abdominais, além da voz potente e amedontradora do Mestre. Logo pensei: “O exército é aqui!”.

O tempo foi passando e as metodologias de aquecimento, fortalecimento do físico e de treinamento continuaram as mesmas, o que me indagou sobre esta proposta de treinamento, e a primeira questão foi: “Por que temos de treinar tantos exercícios de força?” A resposta foi simples e assustadora: “Para pegar os outros na roda!”. Na sequência fiz algumas perguntas no pensamento: “Pegar quem? Pegar por quê? Pegar para quê? Pegar quando? E se eu não quiser pegar?”.

Enfim, continuei treinando, indo a rodas, a batizados e a campeonatos, onde pude perceber a suposta necessidade de se ter um corpo forte, pois as brigas que aconteciam nesses eventos eram rotineiras.

Foi aí que comecei a estudar acerca da temática da Capoeira, procurar saber de suas origens, de seus propósitos e de como ela havia chegado naquele contexto que eu estava presenciando no início dos anos 1990. Logo fui percebendo que havia algo errado, ou algo sendo mal interpretado pelos próprios capoeiristas.

A Capoeira se desenvolveu em terras brasileiras pela união dos conhecimentos de luta dos africanos e indígenas escravizados, com o propósito de se libertarem dos maus tratos, da opressão e das tentativas de aniquilação de suas culturas e identidade impostas pelos colonizadores portugueses (SETE, 2003).

Diante das tensões geradas por imposições e a ênfase de sua prática remeti minhas indagações para o Período Militar, o qual se evidencia pelo seu caráter guerreiro e militarizado.

Frente a isso, as pesquisas bibliográficas realizadas em relação à Capoeira indicou que sua prática sofreu alterações no sentido de enfatizar seu caráter combativo, viril e esportivo em detrimento dos seus aspectos culturais, ancestrais e políticos. Além disso, a revisão de literatura consultada assinalou que o período da Ditadura Militar exerceu forte contraste sobre a prática social da Capoeira no intuito de arregimentá-la como esporte nacional.

Sendo assim, me propus a pesquisar as tensões geradas entre o enquadramento do capoeira, no período da Ditadura Militar, e suas formas de resistência diante das imposições do regime.

1.2 – Objetivo Geral

Compreender os processos de resistência e enquadramento da prática da capoeira, em Belo Horizonte – MG, no período da Ditadura Militar (1965-1985).

1.3 – Objetivos Específicos

- Entender os processos de esportivização da Capoeira nesse período;
- Analisar as experiências de Mestres e praticantes de Capoeira que sofreram processo repressivo nesse período bem como suas estratégias de resistência;
- Estudar os documentos e registros que se referem a este período.

2 – AO PÉ DO BERIMBAU

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Machado de Assis, "Pai contra mãe",
Relíquias de casa velha, 1906

A Capoeira emergiu das lutas e resistências dos negros contra o escravismo no período colonial brasileiro. Esse movimento por libertação contrapôs a ideologia colonial européia que atribuía aos negros e indígenas a condição de animais, povos primitivos, seres sem alma, eróticos, festivos, e ingênuos, já que não eram dotados de razão. A razão era atributo dos brancos, os quais eram concebidos como seres superiores, nobres, disciplinados e ordeiros, conforme a dicotomia platônica que estabeleceu o corpo como lugar da paixão e do desequilíbrio; e a razão como sinônimo de ordem e nobreza (TAYLOR, 2013). Esse olhar dicotômico marcou a história ocidental e produziu relações de dominação que enfrentaram resistência em vários territórios colonizados, contrariando a suposta hegemonia cultural de matriz eurocêntrica.

Diante disso, este estudo elegeu o período histórico da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985) como momento relevante para destacar que esse modelo de dominação permaneceu nas relações estabelecidas entre o regime militar, a sociedade e a Capoeira, numa configuração marcada por repressão e controle de qualquer manifestação cultural e política que pudesse comprometer o poder dominante. Nesse período, os mecanismos de opressão adotaram estratégias de disciplinarização de uma prática cultural concebida com caráter histórico suspeito, pois era rotulada como coisa de vadios e arruaceiros, e defendia-se a necessidade de enquadrá-la aos princípios da ordem militar por meio de uma lógica de higienização de um corpo tido como primitivo, para torná-lo combativo, fortalecido e esportivo. Na verdade, tratava-se de uma

proposta que tentou impingir aos seus praticantes uma ideia de que eram indivíduos reduzidos ao corpo, sem história e sem cultura, para que negassem suas tradições e sua ancestralidade. O corpo era o único bem que herdaram e, por isso, deveriam cultivá-lo em nome da nação, como representantes de um esporte e de uma luta marcial genuinamente brasileira.

No entanto, a roda de Capoeira é constituída pela circularidade que compõe as tradições da cultura africana, se diferenciando marcadamente do pensamento linear eurocêntrico. Cada vez que o capoeirista desce ao pé do berimbau se sacraliza um legado histórico carregado de mandinga e oração, de cantos que louvam seus heróis e suas lutas. Esse retorno é singular e plural, integra o contexto atual e o passado, bem como almeja o futuro na contínua luta pela manutenção da sua ancestralidade. Desse modo, denomino este capítulo de “Ao pé do berimbau”, pois quando se começa uma roda de Capoeira, o “pé do berimbau” é o local onde os capoeiristas se posicionam para dar início ao jogo. Entretanto, para os capoeiristas experientes, quando se está ao “pé do berimbau” o jogo já começou, e estão apenas esperando a ordem do Mestre para que possam “bailar” dentro da roda e mostrar toda sua malícia e destreza. Quando se está no “pé do berimbau”, o capoeira ouve a história contada pelo Mestre em forma de canção, pede proteção a seu Orixá e mapeia o caminho a seguir, além, é claro, de observar atentamente os gestos de seu camarada de jogo.

Ao “pé do berimbau” é onde tudo começa!

A escravidão humana se estabeleceu em distintos momentos históricos e em culturas diferenciadas. Na maioria das sociedades pré-industriais, em geral uma pequena parcela da força de trabalho compunha-se de escravos, geralmente vinculados à economia domiciliar, alguns na agricultura, outros na mineração e outras atividades produtivas. O fato é que nenhum grupo étnico escapou do cativeiro e todas as sociedades donas de escravos os tratavam como indivíduos sem história e sem raízes, eram tratados como forasteiros e eram retidos contra vontade através do uso da força (LUNA e KLEIN, 2010, p.13). Por outro lado, todo processo de escravização enfrentou movimentos de resistência e lutas por libertação

(SAID, 2011). (Edward Said. Cultura e Imperialismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2011).

Nesse aspecto, Luna e Klein (2010), distinguem a exploração enfrentada por camponeses subordinados à servidão, bem como de mulheres, crianças e prisioneiros levaram vidas semelhantes aos escravos (no que diz respeito ao trabalho realizado e aos direitos disponíveis). No entanto, o que diferenciou estes trabalhadores dos escravos foram os laços familiares e comunitários. Os escravos eram carentes destes laços, deixando-os totalmente dependentes de seus senhores. Expostos em obrigações braçais, os senhores podiam utilizar dos escravos a um custo muito menor que o de qualquer outro grupo de trabalhadores em suas sociedades.

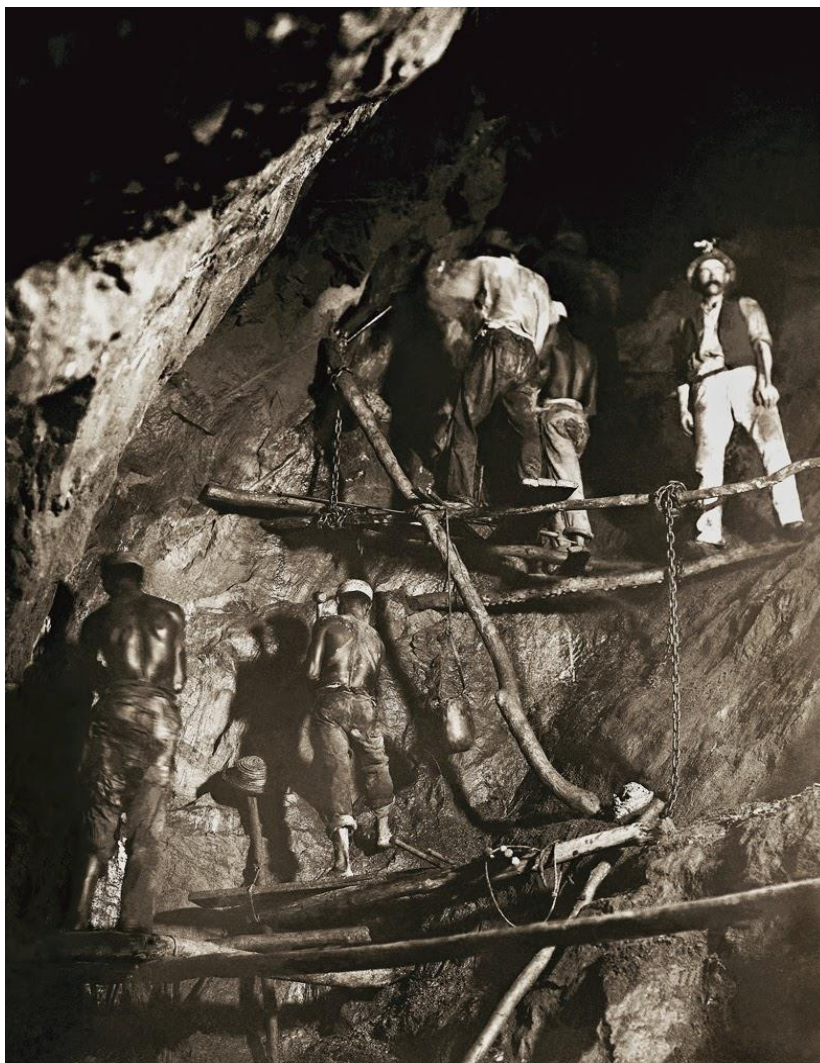


Figura 2: Primeira foto do trabalho no interior de uma mina de ouro, 1888, Minas Gerais. (Marc Ferrez/Acervo Instituto Moreira Salles).

É fato que alguns escravos se sujeitavam ao trabalho forçado sem a necessidade de serem espancados e torturados, assim como haviam escravos dito como rebeldes que eram açoitados por qualquer motivo e até mortos. Acredito que os escravos que se sujeitavam ao trabalho forçado, é porque se enquadravam para sobreviver e os que resistiam tal regime de trabalho, transgrediam os mandos dos senhores e alguns até sobreviviam.

De todo modo, as diferentes experiências de escravidão que aconteceram no decorrer da história da humanidade enfrentaram resistência, revelando que o ser humano não se submete de forma linear às prescrições dos pretensos senhores. No que tange ao significado de resistência, segundo o dicionário escolar da língua portuguesa MICHAELIS (2002, p. 675), resistência vem do latim e tem os significados de: ânimo para suportar fadiga, obstáculo, reação, luta, oposição, embaraço, empecilho. No entanto, recorri a Reis, Ridenti e Motta (orgs., 2004) quando no artigo de Ridenti a palavra resistência tem uma conotação própria para este estudo:

O termo resistência tem sido usado tanto nas ciências sociais como na luta política com um sentido inspirado na experiência histórica européia durante a Segunda Guerra Mundial, englobando todos os movimentos de oposição à ocupação nazifascista. Ele tende mais a um sentido defensivo que ofensivo, menos à ação que à reação: a ideia de oposição predomina sobre a de revolução. Assim, para usar o termo com propriedade a fim de pensar a resistência brasileira, importa mais o significado de combate à ditadura do que o de ofensiva revolucionária. (REIS, RIDENTI e MOTTA – orgs – 2004, p. 54).

O trecho acima faz menção à ditadura, mas entendo como ditadura não apenas o Regime Militar e sim toda forma de repressão sob tortura, todo despotismo, toda tirania que atinge uma população e suas manifestações. Sendo assim, pretendo adotar no meu estudo este sentido de resistência como forma de combate à imposição de colonizadores e governos despóticos.

Para esclarecer o termo transgressão, recorri ao dicionário escolar da língua portuguesa MICHAELIS (2002, p. 787), onde a palavra transgressão vem do latim *transgressione*, ato ou efeito de transgredi; infração, violação. E transgredir é ir além dos termos ou limites. Neste contexto farei uso do conceito de Plastino (2002), onde transgressão é entendida como um movimento de rejeição da ordem existente e de criação do novo.

No continente europeu o uso de escravos africanos ocorreu bem antes da chegada dos portugueses em Terras Tupiniquins. Porém, os escravos eram utilizados, na sua maioria, para trabalhos domésticos e raramente eram encontrados na agricultura. Nessa configuração, a maioria dos escravos eram mulheres e crianças. Até por volta do final do século XIV, os portugueses priorizavam a busca do ouro e do marfim na costa africana, mas com a travessia do Atlântico rumo à América a exploração do ouro e do marfim foi alterando lentamente para a força de trabalho escravo, pois a produção e comércio do açúcar estavam mais atrativos para o comércio intercontinental (LUNA e KLEIN, 2010, p.17).

Nesse contexto, torna-se relevante ressaltar que a maior comunidade escravizada no mundo foi oriunda da África, devido à expansão da produção de açúcar. Além disso, segundo Luna e Klein (2010) os portugueses classificavam os africanos como amigos ou inimigos, muçulmanos ou pagãos, mas raramente teciam comentários sobre a sua cor. Sabe-se que até o ano de 1600, os ameríndios predominavam entre os cativeiros. No entanto, o baixo custo da escravidão dos negros africanos representou um quesito que acentuou o uso desse tipo de força de trabalho escravo.

Os escravos africanos foram agregados aos escravos ameríndios, mas logo se tornaram a maioria. Dessa maneira, foram obrigados a trabalhar na agricultura da cana-de-açúcar, no corte de madeiras (em especial o pau-brasil para extração de tinta) e posteriormente nas minas de ouro e outros metais preciosos. Nesse processo de colonização e escravatura, os portugueses forçavam os africanos a aprenderem o idioma português e a se catequizarem, pois representava uma estratégia de manter o controle sobre os escravos e tentar aniquilar a cultura africana. Todavia, os africanos construíram formas de resistência para manter as suas tradições, a sua cultura, o seu idioma, no intuito de preservar viva a sua identidade, mesmo diante da mesclagem de diferentes etnias afrodescendentes (LUNA e KLEIN, 2010, p. 27).

Dentre as formas mais significativas de resistência africanas adotadas foram a religião (o Candomblé) e a luta (N'Golo). O N'Golo (Dança da Zebra em português) constituía uma manifestação de luta dos jovens guerreiros Mucopes localizados ao sul de Angola. Sua expressão era realizada durante a Efundula (Festa da Puberdade), representando uma luta na qual os

participantes formam uma roda, e ao som de tambores dois jovens vão ao centro dessa roda e se confrontam usando cabeçadas e “coices”, imitando os machos das zebras quando estas estão no período do cio, e, nesse embate, perdia o guerreiro que caísse primeiro (YAHN, 2010).

Todavia, nesse enredo escravagista os índios brasileiros também mantiveram viva grande parte de sua cultura, entre elas a Maraná, conhecida como a dança da guerra dos Índios Potiguares. A luta era realizada em círculos, os guerreiros com perneiras de conchas compunham um compasso ao bater com os pés e as mãos, invocando seus antepassados, acompanhado de atabaques de troncos com pele de anta, chocalhos e marimbas, enquanto que dois guerreiros se confrontavam ao centro com golpes de pernas, cotoveladas e movimentos que imitavam os animais. Esses protestos fomentavam modos de resistência e luta diante da opressão (CAPOEIRA, 1998).

Segundo Chalhoub (2012), já em 1600 a população de escravos africanos superava os escravos ameríndios e este número só veio a aumentar com o processo de expansão da escravatura. Nos anos decorrentes de 1830, o número de escravos africanos no Brasil já chegava perto dos quatro milhões. Esta quantidade de escravos mostra que essa população (sobretudo os africanos) era submetida a diversos decretos de lei que tentavam retirar qualquer possibilidade de direito de se constituírem como seres humanos.



Figura 3: Foto de um navio negreiro francês com escravos a bordo no Rio de Janeiro em 1882, feita por Marc Ferrez.

Com o aumento da população africana no Brasil, simultaneamente expandia-se as fugas de negros e seus movimentos de recusa ao escravismo. Acredito que as fugas dos escravos (na maioria das vezes para os quilombos) foram as primeiras manifestações de resistência ao sistema que lhes fora imposto. Diante disso, o sistema colonial intensificava suas formas de castigo e vigilância. As chibatadas para negros fugitivos foram ampliadas para a quantia de 100 vezes nas costas do preso exposto ao olhar dos escravizados para que temessem qualquer tipo de reação à imposição colonial. Esse verdadeiro quadro de terror e tirania criava sentimentos de rebeldia e temor, sendo que alguns escravos recuavam suas aspirações de fuga e rebelião. Por outro lado, outros adentravam pela mata na busca de seus camaradas para a organização de suas lutas e a construção de comunidades quilombolas.

Essas breves passagens relatadas até aqui, demonstram que o processo de escravização não ocorreu sem movimentos de resistência e de organização dos negros contra o sistema colonial. A ideia de um povo passivo, sem racionalidade, e ingênuo, imposta pela cultura colonial eurocêntrica não se efetivou mesmo com a utilização de torturas físicas, humilhações, e a negação da identidade das diferentes etnias que foram arrancadas dos seus territórios ancestrais. A permanente tensão entre a colonização e a resistência permeou a trajetória histórica do período colonial.

No que tange ao contexto pós-colonial, quando o imperialismo econômico imposto por países da Europa e principalmente pelos Estados Unidos estabeleceu a ordem capitalista de reger as relações entre culturas concebidas como desenvolvidas frente a povos tidos como subdesenvolvidos, em nome de um modelo civilizatório, as tensões entre dominação e resistência desenvolveram distintas configurações frente à luta entre classes sociais e culturas diferentes. O regime militar representou uma das estratégias de imposição do poder dominante perante a essa nova lógica industrial e urbana (SAID, 2011). Nesse sentido, este estudo busca evidenciar os impactos desse período histórico na prática cultural da Capoeira e nos seus aspectos políticos constitutivos da sua história.

No entanto, para contextualizar esse processo torna-se relevante apontar alguns aspectos históricos da Capoeira que assinalam como sua trajetória fora marcada por lutas permanentes, tanto no período colonial quanto

pós-colonial, as quais revelam movimentos de uma tensão constante entre tentativas de aniquilação e de distorção das suas tradições culturais de matriz africana por parte de grupos hegemônicos da sociedade, e o empenho dos capoeiristas em defender seus direitos políticos e territoriais. Sendo assim, no próximo item apresento algumas passagens dessa configuração histórica que não se deu de modo linear, mas mostrou-se delineada entre mecanismos de opressão e formas de resistência dos oprimidos.

As conquistas pelo fim do tráfico negreiro (que, não muito distante, torna o fim da escravidão inevitável), nos anos iniciais de 1850, aconteceram associadas às imagens de progresso industrial e tecnológico, mobilidade voluntária de trabalhadores, aquisição de direitos civis e políticos e processos de urbanização. Todavia, as formas escravistas de organização social tornaram ainda mais dramática e desumana a experiência multissecular da diáspora africana (CHALHOUB, 2012, p. 34).

2.1: Alguns aspectos históricos da Capoeira:

O termo *Capoeira* apresenta significados distintos e diversos, tanto na cultura Tupy-Guarany quanto na portuguesa. No Tupy-Guarany, o termo *Capoeira* significa *mato*, sem distinção de novo, velho, ralo, fechado, etc., apenas *mato*, e também é o nome de uma espécie de ave da fauna brasileira. A origem do termo não trás nenhuma associação direta à *Capoeira* jogo/luta (ARAÚJO, 2005, p.16). De acordo com este autor, na língua portuguesa, o vocábulo *Capoeira* está associado a uma espécie de cesto ou gaiola para guardar aves de pequeno porte, mas podendo ter também outras utilidades.

Segundo Araújo (2005), o termo *Capoeira* foi registrado pela primeira vez em 1712, no “Vocabulário Português e Latino” de Raphael Bluteau, com o significado português acima descrito e sem nenhuma relação com o léxico Tupy-Guarany, e que somente no século XIX, na obra de Macedo Soares, de 1875, “Estudos Lexicográficos do dialeto Brasileiro”, surge referenciando no sentido de *mato*. Entretanto destaca-se que, mesmo não podendo comprovar através de registros da época que o vocábulo *Capoeira* pudesse ter sido utilizado com a perspectiva da língua nativa brasileira, se pode apresentar através de manuscritos do período colonial, fatores que indicam um terceiro significado para o referido termo que, em uma indireta relação, poderia permitir

inferências sobre a possibilidade do conhecimento popular acerca do significado indígena aludido.

Este terceiro significado, conforme o autor compreende a expressão deste termo referido aos indivíduos que se escondiam nos matos aos redores das vilas, submetendo os moradores e os viandantes a uma série de constrangimentos que iam desde roubos, agressões e ferimentos à morte, ameaçando assim a tranquilidade pública dos povoados. Como se observa, esse último significado apresenta uma versão criminalizante atribuída a grupos de fugitivos e rebeldes, de maioria negra e parda, que eram estigmatizados pela classe dominante como forma de ocultar desigualdades sociais entre esses segmentos populacionais.

Como podemos ver, o nome *Capoeira* dado ao jogo/luta é algo que ainda é difícil se comprovar por meio de documentos. Nas rodas de Capoeira e nos encontros com grandes Mestres, a resposta dada ao por que do nome, se dá ao fato dos escravos estarem praticando a sua forma de resistência na capoeira (mato ralo, ou mata fechada), e com isso, o jogo/luta passou a se chamar *Capoeira*. Todavia, esses movimentos também eram praticados no porão das senzalas, durante a madrugada, de forma silenciosa e cuidadosa para não chamar a atenção dos feitores e capitães do mato. Esse detalhe histórico também é relatado pela tradição oral dos mestres, já que era uma atividade proibida e representava uma arma de luta dos escravos. Não é à toa que o bom capoeirista faz seus movimentos com leveza, apesar de produzir golpes de grande potência.

Quanto ao local de seu surgimento, há estudiosos que acreditam que a Capoeira surgiu no campo, entre grandes plantações de cana e engenhos de açúcar, no qual as clareiras na mata serviam de fuga e de espaço de lazer nas horas de folga. Para outros, a Capoeira surgiu na cidade, na vida urbana, a partir dos “escravos de ganho”, que eram os escravos terceirizados por seus senhores para lhe obter dinheiro (SETE, 2003, p. 15).

Apesar das controvérsias acerca de sua origem, concordo com Tavares (2012), ao apontar que a sobrevivência da Capoeira já é um indicativo de sua importância e resistência. Para se chegar às rodas de Capoeira que temos nos dias atuais não foi uma trajetória fácil para os seus praticantes, pois representou uma história construída por muitas batalhas. O povo negro no

combate à escravidão e à colonização portuguesa introduziu como tática de luta distintos modos de resistência e criou sua “manha do jeito de ser”, visando à preservação de seus corpos contra o permanente e avassalador projeto domesticador e aniquilador implementado pelos colonizadores. Todavia, a malícia e a mandinga da Capoeiragem resistiu desde os quilombos até o período pós-colonial, permanecendo como forma de luta até nossos dias.

Nesse percurso, dentre outros ícones da capoeiragem do período pós-colonial destacaram-se Mestre Pastinha e Mestre Bimba. Obviamente que outros personagens foram marcantes nesse processo como o famoso e mitológico capoeirista Besouro Mangangá (1895-1924) que travou diversas lutas contra o regime de exploração perpetuado pelos donos de canaviais no recôncavo baiano. Não quero aqui adotar uma postura estereotipada de circunscrever a história da capoeira, nesse período histórico, aos dois mestres citados acima, como é comum observar em diversos debates acerca da Capoeira e até mesmo em referências bibliográficas. Entretanto, para a finalidade deste estudo, a citação dos referidos mestres ilustra de forma veemente a luta da Capoeira pelo seu reconhecimento frente ao Estado brasileiro.

Quanto a Vicente Ferreira Pastinha (Mestre Pastinha), nasceu no dia 5 de abril de 1889 e faleceu no dia 13 de novembro de 1981. Mestre Pastinha foi “leão de chácara, alfaiate, garimpeiro, engraxate, entregador de jornais, dedicou oito anos à Marinha de Guerra e, foi considerado por muitos, o mais perfeito lutador de Capoeira” (SETE, 2003, p. 26). Sua importância se consolidou por arquitetar a prática da Capoeira Angola por meio de um grupo organizado que, além de manter seus princípios ancestrais e metodológicos, se articulou para estabelecer uma prática cultural que fosse reconhecida pelo seu valor histórico e político.

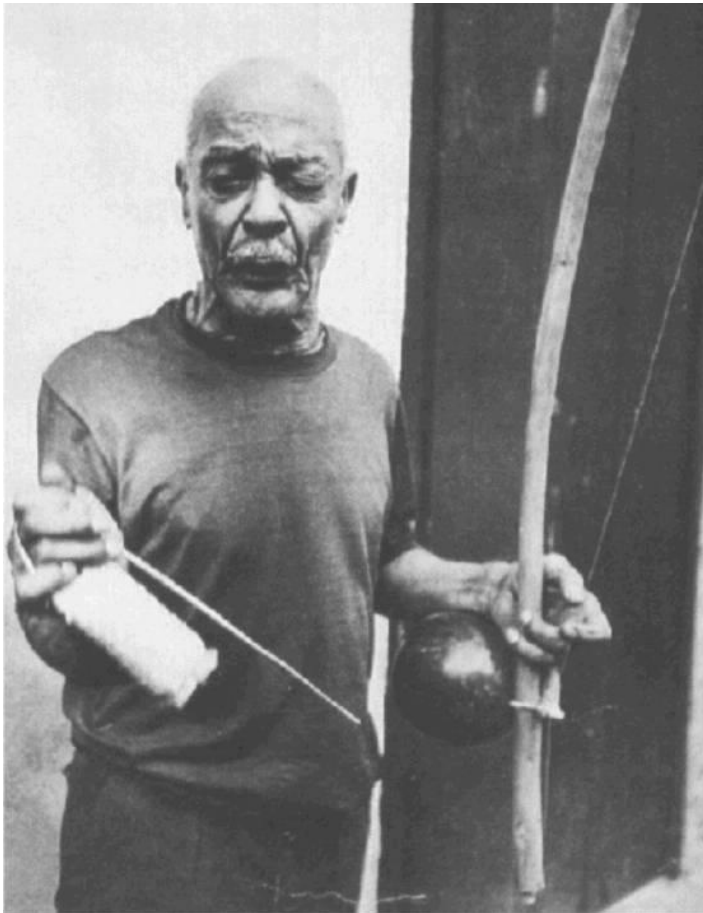


Figura 4: Mestre Pastinha (1889 – 1981)

No que se refere a Manoel dos Reis Machado (Mestre Bimba), nasceu no dia 23 de novembro de 1900 e faleceu no dia 05 de fevereiro de 1974. Mestre Bimba foi estivador por quatorze anos e criador da Capoeira Regional (ALMEIDA, 2002). No entanto, foi com Mestre Bimba que a Capoeira ganhou mais visibilidade na década de 1940, num momento que o país passou por reformas políticas através da implementação do Estado Novo, no qual a Capoeira passou a ser permitida, porém sob vigilância pois devia ser praticada em recinto fechado e com alvará da polícia. Mestre Bimba fez uso dessa oportunidade e abriu a primeira academia de Capoeira em 1937, com o objetivo de retirar a Capoeira das ruas (CAPOEIRA, 1998). Essa postura contraditória de Mestre Bimba legitimou a Capoeira como prática reconhecida pelo Estado e pela sociedade da época, mas também submeteu sua atividade ao enquadramento institucional imposto pelas camadas dominantes do país. Trata-se de uma questão polêmica que, até nossos dias, representa tema de debate e divergência entre vários capoeiristas, principalmente quando se discute diferenças entre Capoeira Angola e Capoeira Regional.



Figura 5: Mestre Bimba (1900 – 1974)

Nesse quadro controverso, Mestre Bimba criou uma sequência de ensino, novos golpes, como também introduziu golpes de outras lutas e, de certo modo, sacrificou parte da brincadeira, do ritual e da malandragem da Capoeira Angola para criar a Capoeira Regional. Nesse contexto, em 23 de julho de 1953, Mestre Bimba fez uma apresentação de Capoeira para o Presidente Getúlio Vargas, na qual ganhou o título de Professor de Educação Física (ALMEIDA, 2002, p. 26). No entanto, essa premiação atendia às manobras do modelo nacionalista e populista defendido por Vargas que ansiava pela efetivação das ideias desenvolvimentistas articuladas pelos Estados Unidos, num momento de crise econômica internacional desencadeada após a Segunda Guerra Mundial.

Mestre Pastinha não ficou fora dessa luta, porém procurou ficar mais próximo dos princípios ancestrais compostos pela Capoeira Angola. Contudo, não passou imune às pressões institucionais da sua época, tanto que também

abriu sua academia, constituindo o Centro Esportivo de Capoeira Angola, e adotou o uso de uniforme nas cores preta e amarela, inspiradas no seu time de futebol predileto - o Ipiranga. Esse episódio ilustra a permanente resistência da Capoeira e das culturas de matriz africana frente à ideologia colonialista e imperialista que tanto marcou a história do nosso país.

O período do regime militar, tema dessa dissertação de Mestrado, evidenciou, mais uma vez, a tentativa de consolidação desse modelo hegemônico de origem colonialista que, na sua versão capitalista, procurou submeter uma prática cultural afrodescendente ao padrão eurocêntrico e estadunidense. Retirar a capoeira dos seus terreiros e das rodas de rua para enquadrá-la numa academia regulada por alvará representou um embate histórico entre o poder instituído e as formas instituintes de luta por liberdade. Isso porque muitos capoeiristas fizeram dos seus uniformes também seus disfarces de um jogo permanente em defesa da sua tradição cultural e seus direitos políticos. Entretanto, nem todos capoeiras adotaram essa postura de resistência ao se enquadraram aos campeonatos, torneios e graduações estabelecidas por esse modelo que enfatizou a competição esportiva, o combate, o grupalismo, e o individualismo, em detrimento da historicidade, do espírito quilombola, da vida comunitária, da irmandade, e da tradição que são elementos constitutivos da Capoeira. Nesse sentido, o trabalho de pesquisa aqui apresentado se propôs a investigar como esse processo foi produzido e como os capoeiras se posicionaram diante dos mecanismos impostos pelo regime militar.



Tortura no Brasil: ontem e hoje

Figura 6: Pau-de-arara, método de tortura utilizado durante a escravidão e reproduzido pelos torturadores do Regime Militar.

2.2: Breves Antecedentes do golpe da Ditadura Militar: do populismo ao endireitamento sob os auspícios imperialistas

“Na história, como na vida, a doença surge bem antes do sintoma. Tudo começa antes de ter começado.”

Arievlis Patraz

No segundo mandato do Presidente Getúlio Vargas, o país já não ia muito bem, até que, em 24 de agosto de 1954, aconteceu sua morte e, em 1961, os novos preparativos para um golpe de estado tomam força. Segundo Tavares (2014) a queda do governo foi rápida, mas a conspiração foi longa. O autor também destaca que houve uma conspiração contra o governo de João Goulart antes mesmo de sua posse (que era vice de Jânio Quadros). Naquele tempo, o vice-presidente também era eleito por votos, assim como o presidente, e não no formato de uma coligação, como nos dias atuais. Para este autor a queda foi rápida, porém a conspiração foi longa e articulada. Tudo começou em setembro de 1961, quando João Goulart assume a presidência da República.

Com a renúncia de Jânio Quadros, em 25 de agosto de 1961, os três ministros militares vetaram a posse de Jango, e anunciaram a sua prisão caso retornasse ao Brasil. Sem perder tempo, os militares deram posse a um presidente provisório e já planejaram o seu mandato definitivo. Sabendo disso, Jango retornou, porém realizou sua chegada por Porto Alegre, pois na principal porta de entrada no país (Rio de Janeiro) já estava preparada uma emboscada para a sua prisão. Contudo, assumiu a presidência no dia 9 de setembro de 1961, mas o Congresso Nacional podou os poderes do atual presidente e, em um acordo político, estabeleceu o parlamentarismo (TAVARES, 2014, p. 17).

De acordo com Arns (2005), os anos de 1962, 1963 e 1964 foram marcados pelo rápido crescimento das lutas populares. O forte crescimento dessas lutas por reformas estruturais ocorreu a partir do momento em que João Goulart conseguiu derrubar o parlamentarismo impingido pelos militares.

Essa não foi a primeira vez que os militares tomaram ou controlaram o governo do país, já que o fim do primeiro mandato de Getúlio Vargas (1930-1945) se deu por conta de um Golpe de Estado em agosto de 1945,

comandado pelo General Góis Monteiro. Antes mesmo da Proclamação da República, e no período escravocrata, encontramos registros de inúmeros acontecimentos com participação militar vetando as lutas populares (ARNS, 1985, 2005). Obviamente que, o comando dessas ações militares era articulado pelas elites brasileiras, em distintos momentos históricos.

De acordo ainda com Arns (2005) a imagem do brasileiro conformado, acomodado, submisso, que sempre se posicionou como mercenário diante do poder econômico, não corresponde ao registro da história. Durante o período monárquico ocorreram inúmeros episódios de levantes populares em defesa da soberania nacional e contra a opressão política.

No período referente à chamada “República Democrática” brasileira (1945-1964), o Estado populista instaurado por Getúlio Vargas já na época de seu primeiro mandato, manifestou, em diversos momentos e circunstâncias, uma profunda incapacidade de resolver os problemas criados pelas demandas da sociedade civil de cunho ora popular, ora burguês. Essa “incapacidade” acabava desencadeando um processo de instabilidade nas instituições públicas de poder político que tentavam sobreviver, mesmo que no limite, às pressões de grupos econômicos nacionais e internacionais que agiam no próprio corpo político do Estado.

Esses grupos, de acordo com Martins (1999), se dividiram no que diz respeito ao modelo econômico que deveria ser adotado pelo país. Por um lado, os grupos de tendência nacionalista compartilhavam a ideia de que a economia deveria ter seu crescimento pautado numa certa independência frente ao capital externo. Em momento nenhum essa “independência” significou uma negação à entrada de capital estrangeiro; pelo contrário, o capital estrangeiro era tido como imprescindível para o avanço da economia no país. A aplicação desse capital estrangeiro gerava conflitos em sua forma de investimento, pois este deveria entrar como uma forma de utilização a prover um desenvolvimento nacional independente e não ter uma economia submetida a este capital.

Quanto a outro grupo de cunho liberal internacionalista, concebido pela esquerda como “entreguista”, não manifestava maiores preocupações com relação ao ingresso desse capital. Para esse bloco político, era inevitável que o país fizesse uso do capital estrangeiro enquanto condição de seu próprio desenvolvimento. Não obstante, para os internacionalistas, a postura de não

impor limites à entrada de investimentos externos no Brasil poderia ter como consequência a não garantia de controle do Estado sobre os setores básicos da economia que poderiam ser geridos pela iniciativa privada internacional, aliada ou não aos grupos econômicos nacionais. No entanto, era evidente a ameaça de um possível comprometimento à “soberania nacional” (MARTINS, 1999, p. 44), tendo em vista que o Brasil já não era uma colônia de Portugal, mas estava sob os auspícios de um regime imperialista, principalmente manobrado pelos Estados Unidos. Nesse aspecto, Said (2011) destaca com detalhes como o fim da colonização imposta pelos países europeus, com predominância da França e da Inglaterra, foi ocupada por um modelo imperialista com ênfase em aspectos econômicos, culturais e políticos que geraram dependência econômica e tecnológica nos denominados países subdesenvolvidos, os quais são explorados pelo imperialismo estadunidense.

No entanto, foi no segundo mandato de Getúlio Vargas (1951-1954) que os efeitos ideológicos faziam-se notar de forma mais enfática. A política populista praticada por Getúlio, ao empunhar o nacionalismo enquanto bandeira criou uma crescente identificação deste, por parte da oposição civil e militar adepta ao liberalismo estadunidense. A radicalização ideológica criada pela conjuntura internacional se fazia bastante presente na vida política nacional. O efeito dessa conjuntura sobre o Exército brasileiro acentuava-se a cada crise interna e externa, fomentando, cada vez mais, os grupos militares de oposição ao populismo (MARTINS, 1999, p. 57).

As classes dominantes brasileiras identificaram o suposto momento de rompimento do “pacto populista” com a crise desencadeada pela renúncia de Jânio Quadros, em 25 de agosto 1961. A posse do vice João Goulart em 7 de setembro de 1961, ocorre sob a ordem política parlamentarista. O parlamento imposto a Goulart representou uma tentativa de neutralizar a atuação do poder Executivo assinalando uma possibilidade de rompimento com a direita populista.

No dia 1 de abril de 1964 se consolidou o golpe civil-militar, praticamente sem resistência do governo, devido às estratégias de sua organização opressiva. Foi instalada a Ditadura Militar (1964-1985), num período em que o país foi governado por militares e que repudiavam toda e qualquer manifestação contra esse regime autoritário e antidemocrático, o qual atendia

aos monopólios internacionais e ao enriquecimento das classes dominantes. A Ditadura Militar estava instalada, se assim posso dizer, e com ela veio a censura e a tortura. Já não era permitido pessoas se juntarem nas ruas e conversar, se manifestar, ou até mesmo jogar Capoeira com certa liberdade. Todo e qualquer tipo de aglomeração de pessoas, já era motivo para a polícia intervir. A situação estava tão tensa que três pessoas juntas já era motivo de abordagem policial (TAVARES, 2014).

Quando os militares retiraram João Goulart do poder e ocupam a presidência, na verdade estavam dando sequência a uma longa tradição intervencionista que remonta aos séculos anteriores da nossa história, que ainda antes da Proclamação da República e durante a época escravista foram registrados vários casos de participação militar no que diz respeito à repressão contra as lutas populares (ARNS, 2005, p. 53).

Ainda citando Arns (2005), a monopolização da economia e a imposição de um modelo concentrador de renda e achatador de salários foram as raízes, no campo econômico, de toda uma série de medidas autoritárias e repressivas que os governos adotariam a partir de 1964. O que me remete aos parâmetros coloniais, no qual a monopolização da renda estava diretamente relacionada com o senhorio escravocrata.

De acordo com Arns (2005), os anos de 1962, 1963 e 1964 foram marcados pelo rápido crescimento das lutas populares. O forte crescimento dessas lutas por reformas estruturais ocorreu a partir do momento em que João Goulart conseguiu derrubar o parlamentarismo impingido pelos militares.

Essa não foi a primeira vez que os militares tomaram ou controlaram o governo do país, já que o fim do primeiro mandato de Getúlio Vargas (1930-1945) se deu por conta de um Golpe de Estado em agosto de 1945, comandado pelo General Góis Monteiro. Antes mesmo da Proclamação da República, e no período escravocrata, encontramos registros de inúmeros acontecimentos com participação militar vetando as lutas populares, (ARNS, 1985, 2005). Obviamente que, o comando dessas ações militares era articulado pelas elites brasileiras, em distintos momentos históricos.

De acordo com Arns (2005) imagem do brasileiro conformado, acomodado, submisso, que sempre procurou vender, não corresponde ao registro da história. Já no período monárquico ocorreram inúmeros episódios

de levantes populares em defesa da soberania nacional e contra a opressão política.

No período referente à chamada “República Democrática” brasileira (1945-1964), o Estado populista instaurado por Getúlio Vargas já na época de seu primeiro mandato, manifestou, em diversos momentos e circunstâncias, uma profunda incapacidade de resolver os problemas criados pelas demandas da sociedade civil de cunho ora popular, ora burguês. Essa “incapacidade” acabava desencadeando um processo de instabilidade nas instituições públicas de poder político que tentavam sobreviver, mesmo que no limite, às pressões de grupos econômicos nacionais e internacionais que agiam no próprio corpo político do Estado.

Esses grupos, de acordo com Martins (1999), se dividiram no que diz respeito ao modelo econômico que deveria ser adotado pelo país. Por um lado, os grupos de tendência nacionalista compartilhavam a ideia de que a economia deveria ter seu crescimento pautado numa certa independência frente ao capital externo. Em momento nenhum essa “independência” significou uma negação à entrada de capital estrangeiro, pelo contrário, o capital estrangeiro era tido como imprescindível para o avanço da economia no país. A entrada desse capital estrangeiro gerava conflitos em sua forma de entrada, pois este deveria entrar como uma forma de utilização a prover um desenvolvimento nacional independente e não ter uma economia submetida a este capital.

O outro grupo, de cunho liberal internacionalista ou, para a esquerda. “entreguista”, não manifestava maiores preocupações com relação ao ingresso desse capital. Para ele, era inevitável que o país fizesse uso do capital estrangeiro enquanto condição de seu próprio desenvolvimento. Não obstante, para os internacionalistas, não impor limites à entrada de investimentos externos no Brasil significava, ter como consequência, não garantir ao Estado o controle sobre os setores básicos da economia que poderiam ser geridos pela iniciativa privada internacional, aliada ou não aos grupos econômicos nacionais em, no entanto, ameaçar a “soberania nacional” (MARTINS, 1999, p. 44).

As classes dominantes brasileiras identificaram o suposto momento de rompimento do “pacto populista” com a crise desencadeada pela renúncia de Jânio Quadros, em 25 de agosto 1961. A posse do vice João Goulart em 7 de setembro de 1961, ocorre somente sob a ordem política parlamentarista. O

parlamento imposto a Goulart enquanto tentativa de neutralizar a atuação do poder Executivo simbolizou uma tentativa de rompimento à direita populista.

2.3: Ditadura Militar e Capoeira: tensões entre a prescrição de um enquadramento institucional e a resistência cultural no contexto de Belo Horizonte - MG

A Capoeira desde o seu início foi proibida e mal vista, porém está viva até os dias atuais e presente em quase todos os países do mundo e mesmo hoje, há pessoas que a criticam e que carregam um (pré) conceito, dizendo que não é “coisa de mulher” e que é “coisa de marginal”, por mais incrível que pareça, ainda ouvimos estes comentários.

Desde sua criação e, conseqüentemente, do início das proibições e perseguições, houve capoeiristas que aceitaram as normas impostas pelos Senhores, assim como houve aqueles que lutaram contra estas normas e houve também aqueles que usaram de sua “malandragem capoeirística” para aderir às normas, porém apenas como estratégia de sobrevivência.

Tendo passado a “era da escravidão” e a “era da marginalidade”, inicia-se a “era das academias”, tendo como precursora a academia de Mestre Bimba na década de 30 e a de Mestre Pastinha no início dos anos 40. A partir da década de 50, jovens capoeiristas baianos migram para o sudeste, especificamente Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, em busca de melhores condições de trabalho e divulgação da Capoeira, já que esta havia sido extinta nestas cidades devido à perseguição policial (CAPOEIRA, 1998).

Até 1960 a Bahia continuava sendo o celeiro dos capoeiristas e com isso, jovens cariocas de classe média viajavam para a Bahia para ter aulas com Mestre Bimba e quando voltavam para sua cidade davam continuidade aos seus aprendizados nascendo, a partir daí, várias academias de Capoeira no sudeste brasileiro.

Devido ao Regime Militar, as academias de Capoeira ou eram chamadas de associações ou centros culturais que eram registradas e subordinadas ao governo federal, e filiadas a alguma federação estadual que por sua vez, era filiada à Confederação Brasileira de Pugilismo, anos depois surgiu a Confederação Brasileira de Capoeira, que tutelava as federações estaduais.

Ora, em 1964 os militares deram um golpe e tomaram o poder no Brasil, instaurando a ditadura militar que durou até 1984, instalando um sistema de governo que poderíamos chamar de tecnoburocrático (valorizando a burocracia e a tecnologia acima de outros valores como justiça social, cultural, etc.). Nós vamos ver que a capoeira, durante esta parte do “período das academias”, assimilou muitos dos valores desta tecnoburocracia (e talvez por isto, por estar em sintonia com os valores dos “donos do poder” – e, em consequência, em sintonia com os valores da classe média –, tenha podido alcançar, nos vinte anos seguintes, um sucesso econômico e uma divulgação nunca antes vistos) (CAPOEIRA,1998, p.58).

A princípio as federações quiseram impor suas decisões, seguindo o modelo da Ditadura Militar que dominava o Brasil, mesmo assim, capoeiristas importantes e academias de grande porte não se filiaram a tais entidades (era como se as federações não existissem). Com o passar dos anos, a linha dura e as ameaças fizeram com que as federações e a confederação tornassem mais maleáveis e flexíveis, abrindo espaço para as diferentes visões existentes no mundo da Capoeira, mas mesmo assim, não foram todos que se filiaram (CAPOEIRA, 1998).

Na verdade poderia deixar este título entre aspas, pois houve três acontecimentos no período do Regime Militar que nada mais é que uma cópia de todo o tempo existencial da Capoeira, a história se repete.

Primeiro fato – realmente houve enquadramento por parte dos capoeiristas, pois estes acreditavam que aceitando as normas do Regime Militar, a Capoeira estaria sendo bem vista e com isso sobreviveria e eles não seriam perseguidos, nem torturados, presos e/ou mortos.

Este enquadramento pôde ser visto nas academias de Capoeira através das ginásticas de aquecimento realizadas no início das aulas, dos treinos sistemáticos e repetitivos de cada golpe, a utilização de graduações para os alunos através de cordas, cordões ou cordéis de diferentes cores amarrados na cintura (tendo em vista que a ideia de graduar um aluno de acordo com o seu aprendizado foi de Mestre Bimba, que utilizava lenços de seda amarrados no pescoço como graduação), e a obrigatoriedade do uso do uniforme durante as

aulas (eu me iniciei na Capoeira nos anos iniciais da década de 90 e me lembro de que era obrigado a usar o uniforme, sendo impedido de fazer aula quando não estava o utilizando, mas vejo também que o ato de obrigar o aluno a usar o uniforme, era também uma maneira do Mestre ganhar um dinheiro a mais com a sua venda). Ainda nos anos iniciais do Regime Militar se começa a pensar em campeonatos e torneios de Capoeira – com juízes, cronômetros e regras.

Segundo fato – assim como houve capoeiristas que se renderam ao Regime Militar, houve aqueles que não aceitaram suas imposições, ou seja, transgrediram as regras Militares.

As rodas de rua, a não utilização de uniformes e graduações, eram marcas registradas dos capoeiristas que não seguiam as normas da Ditadura Militar, pois afirmavam que a Capoeira era livre, que foi criada para a liberdade e não deveria ficar presa às regras, nem a uniformes e graduações (prática militar).

Em contra partida, os capoeiristas transgressores, eram chamados, pelos que aderiram ao Regime Militar, de capoeiristas sem Mestre, foram perseguidos e presos pela polícia e perseguidos por outros capoeiristas.

Neste período eram comuns as brigas generalizadas nas rodas de Capoeira que aconteciam nas ruas, no caso de Belo Horizonte, as rodas da Praça Sete, da Praça da Liberdade e as rodas da Feira Hippie. As rodas aconteciam à noite, mas mesmo assim eram vigiadas por policias a paisana, que ficavam prontos para prender.



Figura 7: Roda de Capoeira na Praça 7, Grão Mestre Dunga na bananeira.

Terceiro fato – também houve capoeiristas que “aceitaram” as normas do Regime Militar, para a sua sobrevivência e conseqüentemente sobrevivência da Capoeira e de seu trabalho, o que nos remete a um falso enquadramento.

Muitas das novidades introduzidas à Capoeira no início do Regime Militar se dão por conta do Judô e do Karatê, modalidades de artes marciais que faziam sucesso nesse período, devido aos treinos técnicos e sistêmicos e ao visual mais “sério”, devido à uniformização, e organizado, o que, certamente, atraía “alunos-clientes” com maiores possibilidades de pagarem uma mensalidade com um valor mais alto. Dá-se também a frequência com que os grupos realizavam os Batizados de Capoeira, pois era cobrada uma taxa para se trocar de graduação.

Vale ressaltar que não estou dizendo que os Mestres do “falso enquadramento” eram mercenários e não valorizavam o ensino da Capoeira e sim que, como a Capoeira era a única fonte de renda para a maioria deles, eles faziam de tudo para poder ter uma renda melhor, pois esta mesma maioria era de uma classe social baixa e com pouca escolaridade e sabiam que não tinham mais de onde tirar o seu sustento e de sua família.

Também no início dos anos 70, a Capoeira já tomava conta do país e, conseqüentemente, aconteceu, o que chamarei de “exportação de capoeiras”, pois nesta época, muitos capoeiristas da classe média paulistana e carioca foram dar aulas de Capoeira no exterior, inicialmente Estados Unidos e logo em seguida Europa, já nos anos 80 capoeiristas mineiros começaram a se aventurar em terras estrangeiras.

Neste princípio, os capoeiristas que partiram para dar aulas no exterior, passaram por dificuldades, pois se era difícil dar aulas e ser reconhecido aqui no Brasil, imagina em outro país, mas logo se firmaram e conseguiram ter um excelente trabalho, conseqüentemente um ótimo retorno financeiro, o que fez vários outros capoeiristas irem atrás da “mina de ouro”.

Percebe-se que o período correspondente ao Regime Militar trouxe vários benefícios à Capoeira, pois contamos com inúmeros grupos e seus milhões de praticantes espalhados pelo mundo afora, assim como campeonatos, torneios, CD's, livros, filmes e até lei (Lei 10.639/03) que legitima o ensino da cultura afro nas escolas e que a Capoeira faz uso desta para sua legitimação. Os capoeiristas souberam “jogar” com a ditadura e, com sua malícia e malandragem, trazer melhorias para a prática. Vale ressaltar que também houve uma parte da Capoeira que foi prejudicada, tanto que até os dias atuais deparamos com preconceitos e injustiças para com os capoeiristas e com a Capoeira.

3 – VOLTA AO MUNDO

*Ô menino aprenda a ler / ô menino aprenda a ler.
Dê uma chance a seu saber.
Vai e faça capoeira, pra você se defender.
Capoeira tem história fundamentada em segredos,
Quando parece tá séria, ela não passa de brinquedo.
Nela não se aprende tudo, mais se ganha habilidade.
Quanto mais você pratica mais conhece a liberdade.*

MESTRE MOA DO KATENDÊ (2003)

A volta ao mundo em uma roda de Capoeira é o momento em que os capoeiras caminham dentro da roda e um atrás do outro (com uma certa distância). Na volta ao mundo os capoeiras pensam sobre o que aconteceu durante o jogo e se preparam para o que poderá acontecer, ou seja, é na volta ao mundo que o capoeira cria a sua metodologia de jogo de acordo com o que já aconteceu.

Ser capoeira, estudar e apresentar informações relevantes sobre esta prática cultural representa um jogo desafiador, audacioso e prazeroso. Trazer a Capoeira para o campo acadêmico constitui uma atividade de reconhecimento da sua importância cultural, política e identitária na participação histórica nas lutas contra processos opressivos na nossa sociedade. Para um capoeirista, como eu, configura uma filosofia de vida e um modo de ser que se deve à Capoeira e sua ancestralidade. Rosa e Arnoldi (2006) referem-se à pesquisa como “uma atividade de investigação capaz de oferecer e, portanto, produzir um conhecimento novo a respeito de uma área ou de um fenômeno, sistematizando-o em relação ao que já se sabe”. Sendo assim, meu empenho em estudar a Capoeira no período histórico da ditadura civil-militar, na cidade de Belo Horizonte, representou um esforço para dar visibilidade a determinados processos que foram ocultados pelo silenciamento produzido por práticas repressivas, como também por enquadramentos institucionais que tentaram fragilizar sua dimensão política e histórico-cultural oriunda da luta dos povos negros contra a escravidão. Nesse aspecto, todo conhecimento produz autoconhecimento como aponta Sousa Santos (2008).

Para que eu conseguisse apresentar o máximo de informações possíveis em um período de dois anos de estudo e pesquisa, adotei como estratégia produzir uma construção que caminhasse entre a vivência e os marcos históricos dessa prática cultural para que a metodologia da pesquisa atendesse aos objetivos propostos. Para Rodrigues (2007) a metodologia

científica constitui um conjunto de abordagens, técnicas e processos utilizados pela ciência para formular e resolver problemas de produção do conhecimento, de uma maneira sistemática.

Portanto, este desafio começa a partir da consciência e orientação em ter um olhar de dentro e de fora, num jogo de aproximação e distanciamento para buscar informações e problematizá-las após diálogos com a bibliografia consultada, pesquisadores, praticantes e minha própria reflexão. Com isso não pude deixar de ir ao encontro de grandes Mestres da Capoeira que contribuíram para o seu crescimento, divulgação e permanência dessa prática cultural no âmbito da capital mineira e que, conseqüentemente, estiveram presentes no período escolhido para a realização desta pesquisa, como também me apoiei em leituras de livros, dissertações, artigos, jornais e documentos.

Quanto ao campo acadêmico, este trabalho estabeleceu caráter teórico em diálogo com a prática daqueles que viveram diretamente os impactos históricos do período pesquisado, no contexto da capoeiragem, com abordagens exploratórias e descritivas, tanto no decorrer das entrevistas quanto nos contatos em rodas, terreiros e academias de Capoeira. Quanto aos procedimentos, foi inevitável realizar uma pesquisa de campo, tendo uma abordagem qualitativa, aliada à pesquisa bibliográfica.

O percurso histórico da Capoeira é marcado por inúmeras lutas e embates com o poder hegemônico, sendo que sua liberação constitucional se deu em 1937. Todavia, mesmo com a imposição republicana as rodas de capoeira ocuparam as ruas. Com a introdução do Regime Militar, essas rodas já não aconteciam com a mesma liberdade, pois qualquer aglomeração de pessoas era reprimida pelos militares como justificativa para se evitar desordens e organizações políticas. Apesar disso, pude conversar com Mestres que se opuseram a essa prescrição militar, e não deixaram de realizar suas rodas como na Praça da Liberdade, Praça Sete, Parque Municipal, Praça da Estação, Praça do Mercado Central e Praça da Rodoviária, no centro da cidade de Belo Horizonte. Esse jogo entre os regimes autoritários e a resistência dos capoeiras, desde o modelo escravocrata sempre marcou a luta dos negros oprimidos na diáspora que, de forma inteligente e estratégica resistiram bravamente às tentativas de aniquilação das suas práticas culturais.

Como esse processo de uma resistência que se constituiu de forma explícita, de maneira velada, e até camuflada de esporte nacional e folclore foi produzido entre os capoeiras daquela época?

Diante dessas indagações e observações, resolvi convidar quatro grandes Mestres da Capoeira de Belo Horizonte que compartilharam desse período histórico, sendo que dois deles, hipoteticamente, se beneficiaram do Regime Militar, em termos de enquadrar seus ensinamentos em normativas, federações, graduações, e realização de torneios esportivos e campeonatos, enquanto dois não tiveram grandes benefícios, pois transgrediram o Regime, já que não adotaram as prescrições estabelecidas pelo ordenamento institucionalizado. Contudo, Nigri (2014) no seu estudo acerca do Samba de Terreiro, uma prática cultural afrodescendente, mostra com riqueza a ambiguidade que marca as manifestações de matriz africana, nas quais se articulam o sagrado, o profano, a razão, a emoção, o corpo, a bebida, o bem, o mal, dentre outras dimensões humanas, de forma oposta ao modelo cultural eurocêntrico que se caracteriza pela fragmentação, hierarquização e dicotomização das distintas perspectivas constitutivas do ser humano. Desse modo, muitos Mestres que, de alguma forma, se submeteram às formalizações do Regime, ao mesmo tempo, burlaram suas brechas, na tentativa de preservar a Capoeira e sua história sócio-política, mesmo com alguns sacrifícios.

Quanto ao levantamento bibliográfico, o processo de seleção dos livros começou com o título, a partir daí foi realizada uma leitura rápida em relação aos capítulos escolhidos através do sumário, para seu posterior aprofundamento. Outro método de escolha dos livros foi a partir das referências de alguns livros e dissertações já lidos durante as matérias concretizadas nos dois primeiros semestres do curso.

As dissertações e artigos encontrados na internet foram colhidos em sites de caráter acadêmico (SciELO, 4Shared) desde o início do curso (agosto de 2013) com as palavras chave: Capoeira, Capoeira na Ditadura Militar, Ditadura Militar no Brasil, Regime Militar, Regime Militar em Belo Horizonte, Educação Física na Ditadura Militar, Lazer na Ditadura Militar, Capoeira como Lazer. Dos trabalhos encontrados, a seleção foi realizada após a leitura dos resumos e vendo relevância com o estudo em questão.

3.1: Quanto às Entrevistas

As entrevistas foram muito enriquecedoras para a construção e conclusão deste trabalho. As entrevistas com os Mestres foram fundamentais para esclarecimentos surgidos durante as leituras, pois fui buscar informações diretamente com personagens que protagonizaram as mudanças ocorridas na Capoeira durante o Regime Militar. Após as entrevistas foi realizado um quadro de análise que apresentou os temas surgidos durante toda a pesquisa, o qual foi dividido em três colunas que identificaram as categorias, falas dos sujeitos, e análise e interpretação das informações.

De acordo com Salvador (1980) *apud* Ribeiro (2008), a entrevista tornou-se, nos últimos anos, um instrumento do qual os pesquisadores se servem de forma recorrente no campo das ciências sociais e humanas. Recorrem estes à entrevista sempre que têm necessidade de obter dados que não podem ser encontrados em registros e fontes documentais, podendo estes serem fornecidos por determinadas pessoas. Além disso, as entrevistas possibilitam captar informações de forma indireta, permitindo aprofundar questões que foram descritas de uma maneira mais direta, no decorrer da observação de campo.

A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados considerada como sendo uma forma racional de conduta do pesquisador, previamente estabelecida, para dirigir com eficácia um conteúdo sistemático de conhecimentos, de maneira mais completa possível, com o mínimo de esforço de tempo (ROSA e ARNOLDI, 2006 p.17).

As entrevistas tiveram o propósito de trazer momentos das vidas dos entrevistados, chegando assim, o mais próximo do objetivo do estudo. Contudo foi decidido fazer uma abordagem qualitativa que possibilitassem aos Mestres relatar parte das suas histórias de vida relacionadas ao regime civil-militar.

A pesquisa qualitativa apresenta um momento descritivo que possibilita analisar e interpretar aspectos da subjetividade social e pessoal dos sujeitos pesquisados (REY, 2003). A interpretação dos dados e a atribuição de significados são de caráter qualitativo por se considerar que são produções singulares de sujeitos com trajetórias distintas, apesar de terem compartilhado contextos semelhantes nas suas práticas culturais.

A escolha dos Mestres se deu a partir da minha vivência como capoeirista. Sendo assim, eu já conhecia a história desses personagens e de outros Mestres, e a partir de algumas conversas informais durante rodas de capoeira pude identificar e eleger quatro Mestres que seriam importantes para a proposta desta pesquisa.

Segundo Gil (1999), as entrevistas podem ser classificadas em: informais, focalizadas, por pautas e formalizadas. Realizei as entrevistas por pautas. Não entrarei em detalhes nas outras classificações. A opção em realizar as entrevistas por pautas se trata de uma classe de entrevista, na qual a estruturação é feita por algumas perguntas que servem como guia ou roteiro, e o entrevistador faz poucas perguntas diretas e deixa os entrevistados falarem livremente, e quando necessário, novas perguntas são acrescentadas.

As entrevistas foram realizadas nas academias dos Mestres. Todas as entrevistas foram filmadas e gravadas, as filmagens foram vistas e analisadas cerca de, aproximadamente, por cinco vezes cada uma, e as gravações foram ouvidas inúmeras vezes. A opção de ver várias vezes as filmagens foram utilizadas para realizar uma comparação entre a expressão e a fala. Quanto à escuta, foram realizadas inúmeras vezes, de forma repetida, para encontrar as falas mais recorrentes entre os entrevistados e assim produzir o quadro de análises.

3.2: Quanto aos encontros

O encontro com os Mestres foi uma experiência inesquecível e enriquecedora. Os Mestres escolhidos para as entrevistas são Mestres reconhecidos no cenário internacional da Capoeira e todos eles são residentes em Belo Horizonte, onde produziram suas histórias e se tornaram reconhecidos pelas suas realizações no universo da capoeira. São Mestres que todo capoeirista mineiro já ouviu falar de suas participações no mundo da Capoeira. Quando estou fora de Minas Gerais para um evento de Capoeira e falo que sou de Belo Horizonte, logo vem a pergunta se eu conheço um dos Mestres escolhidos. No entanto, apesar do reconhecimento dos Mestres, todos eles me receberam com muita atenção em suas academias, e foram cooperativos no decorrer das entrevistas. Os próprios Mestres disseram que se pudessem falar

o dia inteiro sobre o tema de estudo proposto seria gratificante. Fico muito grato a todos eles. Que Deus os abençoe!

A tarefa de conseguir os números dos seus telefones não foi tão simples. Foi necessário que outros Mestres me passassem os números por mim desejados. Após conseguir os contatos, encontrei dificuldades para que os Mestres me atendessem, devido aos seus recorrentes compromissos, entre outros, como a constante realização de viagens (diga-se de passagem, que foram muitas, o que atrapalhou o prazo da coleta de dados e da produção da escrita).

Logo após ter realizado o primeiro contato por telefone, onde foi explicado o motivo do encontro e da entrevista, marcamos as datas e os locais das entrevistas, que foram realizadas do dia 20 a 23 de julho, em horários variados. Todos os Mestres entrevistados marcaram os encontros em suas academias, sendo que me senti confortável para a realização das entrevistas no ambiente já que se tornou um grande bate papo e uma aula privilegiada de Capoeira.

Em uma das entrevistas, ao chegar à academia do Mestre, o mesmo estava pintando sua academia (que também é alojamento para os visitantes), juntamente com outros alunos. Esse episódio me fez crescer ainda mais como capoeirista, pois a condição de Mestre não lhe retirava das obrigações de manutenção e preservação da sua academia. Além disso, esse fato desconstruiu certo estereótipo acerca desse Mestre, já que é julgado por alguns capoeiras como uma pessoa arrogante. Apesar de ter esperado um tempo para aguardar a disponibilidade do Mestre tornou-se um momento enriquecedor para o estudo, pois a observação do espaço, das pessoas, e das conversas me ajudaram a compreender mais minha pesquisa e minha vida de capoeirista.

Em outra entrevista, ao chegar à academia, o Mestre já me esperava no portão, e deu a entender que a ansiedade era mútua e o carinho recíproco. Nesta entrevista o Mestre se emocionou, não se aguentou levantando-se da cadeira e fez alguns movimentos de capoeira para poder me explicar o que não foi possível traduzir em palavras. Momento único e inesquecível. Essa linguagem pertinente ao mundo da capoeiragem anunciou que a entrevista iria

transcorrer com solidariedade e compromisso com a temática, tal como transcorreu durante o diálogo estabelecido.

Na entrevista seguinte, a chegada até a academia foi no mínimo embaraçosa por conta do endereço. Encontrei a avenida, mas não encontrava o número, fiquei totalmente perdido e ao ligar novamente para o Mestre para poder confirmar o endereço a bateria do telefone acabou devido ao uso do GPS, com muito custo descobri que não era nessa avenida e sim na rua que tem o mesmo nome da avenida e são muito próximas e só aí consegui chegar ao destino traçado. Chegando lá, o Mestre estava tocando seu atabaque e cantando uma música de sua autoria, o que me deixou com o coração acelerado e com vontade de “vadiar”, me desculpei pelo atraso e fui me organizar para a entrevista.

Todos os Mestres entrevistados, logo após o término das formalidades, mandaram um forte abraço ao meu orientador, e demonstraram relevante consideração com sua pessoa (foi interessante observar que nenhum deles se preocuparam em ler o Termo de Consentimento para a entrevista alegando que se era indicação do Mestre Boca nem precisava ler, mas mesmo assim todos leram e assinaram) e me convidaram para conhecer todos os espaços de suas academias. Duas delas além de centro de treinamento de Capoeira, apresentavam um alojamento, visto que a academia está apta a receber capoeiristas e dar-lhes abrigo em época de eventos. Em outra academia, o espaço da academia pertence à sua casa e é dividido em local de treinamento e uma sala para realização de massagens corporais, na qual o Mestre realiza massoterapia. Quanto à próxima academia era muito mais que uma academia de capoeira, já que representava um espaço que o Mestre herdou de sua mãe e o transformou em um local de acesso à comunidade. Neste local há aulas de computação, artesanato, música e desenho, além de uma cozinha espaçosa, bem como um espaço para as aulas de capoeira. Ao ver o espaço destinado à Capoeira, me arrepiei! Dentre vários aspectos relevantes, foi interessante constatar que neste local todas as aulas e cursos são gratuitos para a comunidade.

Todas as conversas antes e depois das entrevistas ficaram registradas em minha memória e tentei repassar a emoção sentida e o aprendizado colhido no capítulo da discussão. Há coisas na vida que somente a Capoeira nos dá, e

essa não é uma fala somente minha, todos os Mestres entrevistados e os que conheço nesse mundo em que vivo, apresentam o mesmo sentimento. Somos muito gratos à Capoeira por ela nos conceder momentos incríveis e por nos tornarem humanos.

3.3: Quanto às transcrições

Eis a etapa mais longa e árdua do trabalho. Transcrever as entrevistas foi algo muito demorado, pois as respostas dos Mestres eram longas. Iniciei as transcrições logo após as entrevistas acontecerem, pois assim estava com o material registrado de maneira recente na minha cabeça, o que facilitou o entendimento de algumas frases, que por mais que voltasse inúmeras vezes, a compreensão ficava quase impossível.

Foi totalmente perceptível, que os Mestres estavam entusiasmados com a entrevista, com o tema do meu estudo, tanto quanto eu. Percebi que eles queriam falar muito sobre o tema, a cada pergunta feita, os olhos, e as expressões mostravam satisfação em responder. A necessidade de falar de suas práticas culturais e políticas foi recorrente entre todos eles, como se quisessem contar para alguém o que havia acontecido naquele tempo. Só que nunca tiveram a oportunidade, como se nunca tivessem sido perguntados de como era jogar Capoeira no período da Ditadura Militar.

As entrevistas tiveram uma duração média de uma hora, o que levou à quase vinte horas para transcrever cada uma delas. Neste período de transcrição, os dias e as noites foram longas e poucas horas para dormir, mas valeu a pena cada hora sem dormir e cada minuto na presença dos Mestres. Como dito anteriormente, as entrevistas e seus contextos se tornaram momentos de aprendizagem da capoeiragem diante de Mestres reconhecidos. Nesses momentos, ficou evidente que todo conhecimento gera autoconhecimento (Sousa Santos, 2008). Ou seja, a experiência da pesquisa e suas indagações me trouxeram novas problematizações acerca da Capoeira.

O ato de ouvir repetidas vezes certos momentos durante a transcrição facilitou a identificação das categorias para que fosse montado o quadro de análises. Os pontos em destaque e repetidos nas falas dos Mestres foi chamando minha atenção e me levando às categorias.

3.4: Quanto aos documentos

Os documentos que fizeram parte do meu estudo foram dispostos pelos Mestres, documentos de Federações, registros de abertura de academias e filiações, além dos boletins de ocorrência levantados em arquivos policiais do DOPS-MG (Departamento de Ordem Política e Social de Minas Gerais). Não foi permitido anexá-los ao trabalho, mas pude ler cada um deles e estabelecer algumas análises.

Os Mestres, detentores dos documentos a mim apresentados, me permitiram tirar fotos dos documentos para que eu pudesse estudá-los, mas pediram para não expô-los no trabalho, nenhum deles me deu permissão de publicação. Diante disso, os documentos se tornaram instrumentos complementares ao processo construtivo-interpretativo da pesquisa (REY, 2012).

O contato com estes documentos foi, para mim, como estar de frente com um tesouro, e também, como se eu estivesse participado desse período marcante na Capoeira mineira. Os documentos me mostraram como foi a perseguição aos capoeiras e aos negros e como eles faziam para se livrar dessa perseguição. Foi um momento emocionante. Penso que novos estudos necessitam explorar esse material guardado de modo pessoal entre os Mestres. Dar visibilidade a essa história que se tornou invisibilizada por mecanismos de controle e opressão representa um compromisso ético com práticas culturais que resistiram a formas ditatoriais estabelecidas naquele momento histórico.

Espero que meu esforço em buscar essas informações e produzir análises e interpretações que revelem os impactos do regime civil-militar na configuração da capoeira que, ainda, estão presentes nas suas práticas, num contexto que procura estabelecer modelos hegemônicos de matriz eurocêntrica, possa suscitar reflexões acerca da identidade de uma expressão afrodescendente com forte traço político de resistência a mecanismos de dominação, desde o período colonial.

4 – DISCUSSÕES

Neste capítulo apresento o resultado de minhas entrevistas, a partir das respostas dos Mestres foram criadas categorias que serão apresentadas através de quadros no qual analiso e apresento autores para uma discussão direta.

Senti a necessidade em saber um pouco da história de vida dos Mestres e saber como eles chegaram até aqui, passando por vários problemas, entre eles, o Regime Militar. A partir das respostas foi possível elaborar a primeira categoria de análise que foi identificar a forma que os Mestres se inseriram na Capoeira.

CATEGORIA DE ANÁLISE	MESTRE MÃO BRANCA	MESTRE PRIMO	GRÃO MESTRE DUNGA
INSERÇÃO DOS MESTRES NA CAPOEIRA	- NA INFÂNCIA; - NO INÍCIO DOS ANOS 70.	- NA INFÂNCIA; - EM 75 – 76.	- NA INFÂNCIA; - MEADOS DOS ANOS 60.

Mestre Mão Branca – “Foi nos anos 70, tinha 10 anos de idade, no Rio de Janeiro, eu morava, é, no Morro da Providência, iiiii, foi uma época de carnaval, tava indo pa Lapa, junto com minha mãe, passei na roda, na na, passando pela Central do Brasil tava tendo a roda de capoeira. E aí eu vi, nos paramo assim pra olhar, e eu vi aquela roda, vi aqueles cara se contorceno, pulando, voando, eu fiquei pirado, apaixonei (...)”

Mestre Primo – “Eu começo capoeira em 75 mais ou menos, 75, 76, ainda tinha restos da Ditadura, capoeira ainda sofria uma repressão muito grande, né, isso durou até quase os anos 80 assim, dos anos 80 pra cá começou a ficar um pouco mais tranquilo assim, tomar uma outra proporção, mas nessa época eu era muito menino, devia ter uns 11 anos de idade (...)”

Grão Mestre Dunga – “Comecei na capoeira desde pequeno, meados de 60 através de meu pai mesmo, meu pai era maquinista, vazia Bahia-Minas,

naquela Maria fumaça e eu viajava com ele, e o mundo me fez capoeira, conheci Mestre Bimba e Mestre Pastinha nas rodas de capoeira, cresci na vadiagem, na rua, de casa em casa (...)"

Ao ver que Mestres respeitados no mundo da Capoeira tiveram seu início ainda criança, vejo a influência que a Capoeira tem na sociedade, principalmente para os menos favorecidos, pois foi possível identificar nas falas dos Mestres que todos eles moravam em favelas quando começaram a praticar Capoeira, o que os levaram a criar projetos sociais após se tornarem Mestres.

Concordando com Scliar (1989), quando ele afirma que nem toda criança pode viver no “país da infância”, pois nem todos têm as mesmas oportunidades de desfrutar de sua infância como acreditamos que deveriam. Vejo que a Capoeira pôde proporcionar aos Mestres uma infância saudável dentro de suas condições.

Ver uma roda de capoeira, ainda criança, com todos aqueles movimentos acrobáticos, desperta na criança a possibilidade de vencer desafios, não somente nas rodas de capoeira, mas sim desafios que a vida lhe proporciona. Digo isso por conhecer a história de vida dos Mestres, de onde eles começaram e aonde chegaram e compactuar da mesma história.

Outro fato que não posso deixar passar é o período em que os Mestres começaram a praticar Capoeira. Todos eles começaram a prática da Capoeira quando o Regime Militar já estava instalado. O período do Regime Militar (1964 – 1985) foi marcado por censuras e proibições, prisões sem motivo formal, exílio, torturas e até morte, a doutrina nacional capturou diversos aspectos da vida social, privando a sociedade de sua liberdade de expressão e da democracia (DOMINGUES, 1996, p. 47).

Os Mestres disseram que começaram a praticar Capoeira na infância e durante o Regime Militar, logo, foi inevitável ir em busca dos motivos que fizeram com que eles escolhessem a Capoeira como prática esportiva.

Mestre Mão Branca – “Rapaz boa pergunta. Vou lhe falar uma coisa com sinceridade, primeiro, eu achei que eu tinha escolhido a capoeira, eu comecei a capoeira porque eu gostava dela, né, como luta, e eu queria fazer uma luta,

então eu ouvia falar que capoeirista, né, nó, pegar um capoeirista, um capoeirista bate em vinte cara, num sei o que, então essa cara, o cara voa, o cara, nossa, então sempre tinha daquelas fantasias, aquela magia da capoeira, capoeirista é mágico, ele some, aparece, vira bananeira, o caso do Besouro, então, o caso do Besouro, Besouro, ele deixou pra gente aí uma lenda que assim, se é verdade ou não, a gente tá aí vivendo dela, tá aí vivendo dela, então, éé, eu entrei pra capoeira por esse motivo, nó vou descer na rua e bater ni vinte cara, nó a gente ia pra festa sempre que tinha confusão você já imaginava você pegando vinte cara e jogando pro alto, mas a capoeira me escolheu (...)"

Mestre Primo – “Eu escolhi a capoeira porque, porque essa ditadura trouxe tantos problemas que minha única alternativa foi jogar capoeira, eu não ia conseguir jogar bola, nem ia conseguir estudar, nem ia conseguir fazer nada, porque o racismo era muito, na capoeira tinha espaço para eu poder me conhecer, poder conhecer minha história, o espaço que foi dado pra mi, assim pelo sistema, que eu adorei, que foi ótimo, foi o espaço da capoeira, eu não fiz mais nada (...)"

Grão Mestre Dunga – “Eu escolhi a capoeira porque foi a única coisa no mundo que eu podia fazer, foi a coisa que o mundo me deu, é essa tal de capoeira, na verdade, foi a capoeira que me escolheu (...)"

Por estas respostas é possível observar que a Capoeira abre portas que o mundo fecha, a Capoeira aceita todos sem discriminação. Para Mestre Pastinha “Capoeira é tudo que a boca come!” e para estes Mestres entrevistados não é diferente, Capoeira se tornou a única esperança para que eles não caíssem no mundo do crime, a Capoeira lhes ofereceu a oportunidade de ser alguém na vida. Nem a escravidão, nem Ditadura Militar, nem as outras formas de repressão foram capazes de impedir quem quisesse praticá-la.

A próxima categoria de análise surgiu através da terceira pergunta da entrevista que foi como eles viram a relação da Capoeira com o Regime Militar.

CATEGORIA DE ANÁLISE	MESTRE MÃO BRANCA	MESTRE PRIMO	GRÃO MESTRE DUNGA
INFLUÊNCIAS DO REGIME MILITAR NA CAPOEIRA	- CAPOEIRISTAS INGRESSANDO NA POLÍCIA; - REPRESSÃO; - TRANSGRESSÃO; - ENQUADRAMENTO.	- REPRESSÃO; - VULGARIZAÇÃO; - MERCANTILIZAÇÃO; - ENQUADRAMENTO.	- REPRESSÃO; - VIGILÂNCIA; - TRANSGRESSÃO; - ENQUADRAMENTO.

Mestre Mão Branca – “Capoeira era à margem da polícia mesmo, mas, em oitenta, nos meados dos anos oitenta, os capoeiristas começaram a entrar pra polícia aqui, eu por exemplo vim do Rio de Janeiro pra entrar pro Corpo de Bombeiro aqui, num consegui, mas o Cobra Mansa, que é o Cobrinha hoje, ele entrou na polícia aqui, ele foi policial, o Ás de Ouro, o Jurandir, entrou na polícia aqui, veio do Rio e conseguiu entrar pra polícia. (...) eu tentei entrar na polícia, eu cheguei a entrar pra polícia, vou te contar uma coisa aqui que pouca gente sabe disso, eu entrei na polícia, mas eu fiquei uma semana (risos), não era pra mim, graças a Deus que não era pra mim, não que eu não tenho nada contra a polícia, mas eu não nasci pra ser policial, pra correr atrás dos outros e dá tiro e o cara trocar, eu não nasci pra isso entendeu, é, realmente pra mim nesse ponto aí não dava, a capoeira foi mais forte, eu vi que eu ia ter a liberdade que eu queria ter na capoeira, aí eu falei, ah não dá não, pra mim num dá. (...)os olhos começou a mudar um pouco, eu aqui dentro, eu levei a capoeira em vários batalhões aqui, vários Coronéis aqui me convidavam, todos eventos meu mandava carta pros batalhão, porque eu queria mostrar pra eles que não é a arte que é ruim, é a pessoa que faz a merda, né, qualquer coisa nessa vida é boa, é a gente que vai fazer aquilo ser ruim ou não (...)”

Mestre Primo – “Ela foi desastrosa total, foi desastrosa, ela teve toda essa válvula de escape aí que engloba todo o conhecimento em cima da cultura, mas o Regime Militar, a proposta deles era massacrar toda a questão da cultura e com a cultura acabada, acabar com nós também, nós vamos primeiro

mercantilizar, depois a gente vai vulgarizar e depois vai acabando com essa bosta também, porque aí nosso povo também fica vulgarizado no processo (...)"

Grão Mestre Dunga – “Aqui cê tá no primeiro lugar que foi invadido pelo DOPS, aqui era um terreirão, era tudo aberto isso aqui, num era casa não, aí como foi muita repressão, a gente fechou tudo pra ter mais segurança, aí minha casa era só um quartinho aqui, então quebraram aqui e deixaram dois cachorro na porta lá pra ninguém entrar, aqueles fila, devagarzinho fomo crescendo, crescendo aqui e nasceu a Senzala (...)"

Os Mestres apontaram a repressão e a transgressão como um ponto em comum entre a Capoeira e o Regime Militar, esse fenômeno foi esperado, pois as leituras o indicaram. Mas é fato que a polícia e o exército proibiam e reprimiam as manifestações culturais, principalmente as que geravam uma aglomeração de pessoas. E como o capoeira não resiste à repressão por um longo período, a transgressão é inevitável, é apenas uma questão de tempo.

A transgressão apontada pelos Mestres aparece na maneira em que eles fizeram para prosseguir e expandir seu trabalho com a Capoeira, assim como se enquadraram ao sistema. Para Santo (1999) transgressão é toda possibilidade de transcendência, uma forma de romper com as amarras de toda acomodação que apequena, conduzindo à realização de utopias concretas. Sendo assim, os Mestres romperam os grilhões do sistema e foram em busca de seus sonhos, de suas vitórias, foram em busca de dias melhores e de uma vida digna.

Vejo esse enquadramento, como uma maneira do sistema ver o que estava sendo feito, mas na verdade o que acontecia no contexto das aulas de Capoeira era justamente aquilo que o sistema reprimia. Segundo Capoeira (1998) Mestre Bimba dava aulas de Capoeira sistematizadas, aos modos de ginástica nacional em sua academia no bairro Engenho de Brotas, mas na época da formatura levava seus alunos para o bairro Roça do Lobo onde acontecia a luta da Capoeira e o Candomblé. Como foi citado na fala do Mestre 1, alguns capoeiristas se enquadraram entrando para a polícia, outros não dando motivos. Mas o que fica evidente é que o capoeira não deixa de praticar

a sua arte, a sua luta, ele vence o sistema, às vezes indo contra, às vezes indo a favor.

Como as respostas foram mostrando cada vez mais entusiasmo, aproveitei da liberdade da entrevista por pauta e novas perguntas foram surgindo ao longo da entrevista. Contudo, perguntei como eram as rodas de capoeira naquele tempo, no tempo da Ditadura Militar.

Mestre Mão Branca – “Eu pude ver isso mais aqui dentro de Belo Horizonte, aqui, as roda rolava, é, mas elas, elas eram, é, de vez em quando a cavalaria passava, olhava, inclusive no meu tempo né, das poucas rodas que eu peguei com esse clima de, é, um pouco tenso, de achar que cê tava fazendo alguma coisa errada, cê tinha, você tinha a sensação que cê tava fazendo algo que não podia fazer, jogava capoeira na rua, mas na época não entendia tanto essa questão política do país, porque, é, não podia, né, mas o não poder é porque a capoeira te dá esse, como eu já te falei antes, te dá essa noção de união, de juntar, de aglutinar pessoas, de estar juntos, então às vezes a cavalaria passava observando a roda que tava rolando na rua, naquela época por exemplo, a gente não tinha muita desavença, então, as desavença do capoeirista ela era muito sutil, então não tinha porque a polícia vim querer acabar com a roda, parava ocê se fosse uma questão de ordem pública naquele momento, tava tendo, sei lá, uma votação, ia ter uma votação, ia ter uma manifestação, né, então aí os cara parava e parava na base da cacetetada, eu nunca sofri isso, inclusive eu já peguei a “guerra fria”, né, eu peguei a “guerra fria”, não corri de polícia, igual os cara conta aí que correu de polícia, eu Mestre 1 não peguei essa fase, peguei a “guerra fria” mesmo de perceber os olhares, sabe, camburão passar e te ver com o berimbau na mão e os cara até te acompanhar um bom tempo pra ver o que que cê, né, eu percebia, é o que eu te falei, cê num deve, cê tem que continuar na sua tranquilo, vai pra lá, né, o capoeirista sempre foi muito atrevido a bater em polícia, já teve vários que bateram, teve vários, eu já bati assim, em briga normal mesmo, não porque era polícia né, mas, é, tem história de capoeira que já bateu mesmo (...).”

Mestre Primo – “Como tinha muita desinformação, o roda era muito do achismo da gente, buscando entender, era o jeito que a gente dava conta de fazer, cê entendeu, a gente só a questão do movimento da Capoeira Regional, nessa época a gente era Regional, a gente entendia aquele movimento e fazia, tinha muitos capoeira da época assim né, Dunga, Chocolate, é, Mestre Boca, muitos mestres, Mestre Negão e tal, e assim, as pessoas tudo jovem também né, e aí sem nenhuma, é, nem todo mundo, mas umas pessoas com um entendimento político um pouco mais avançado, outros não, mas a gente fazia, mais por identidade cultural, porque aquilo era uma coisa que nos emocionava bastante e também nos divertia muito né, então era mais isso assim né, tinha uma coisa, uma coisa que eu tenho hoje pra mim né, capoeira pra mim é minha filosofia de vida, meu trabalho, tudo. E de vez em quando a polícia intervia nas rodas, porque onde tinha negro a polícia intervia, naquela época tinha muito negro tocando samba, eles ia lá e alguma coisa e tal (risos), “Aqueles negão tudo tocando samba ali, alguma coisa tem, vamo parar aquele samba lá, ah deve ter alguma onda lá, vamo lá!”, aí eles iam, ali deve ter alguém que já foi preso. E tinha um negócio de vadiação, entendeu, cara se pegasse você, você não tinha nada, mas cê ia preso porque você tava andando na rua, vadio, cê tinha que ter carteira de trabalho assinada, isso tudo era contra nós negro, a carteira de trabalho assinada, nós vivia num lugar que tinha que ter boa aparência, nós éramos tido como pessoa que não tinha essa boa aparência, entendeu, nós não éramos os caras de boa aparência, nós era os negão assim daqui do minério, diferente, que tem uma forma diferente, tem o cheiro diferente, tarará e tal, era tudo que o sistema não queria, cê era tudo que o sistema não queria, mas a gente teve que resistir, mas muitos não deram conta (...)”

Grão Mestre Dunga – “As rodas antigamente era proibido, na rua era proibido, a gente ia pra rua, mas sabia que a gente ia brigar com a polícia, eu fui o único capoeirista de Minas Gerais, né que foi, eu enfrentei a polícia, as prisões, né, e o Boca, o Waltinho, né, o Waltinho, né, foi preso aqui, ele num deixa, éééé, uma chave forte, por ser um doutor, é uma pessoa que foi preso também, acusado também, pressionando onde que tava os armamento, porque a gente tinha, dava aula nas vila e favela que era proibido, então na hora do exército a

gente tinha contato com as favela, eu vim pra favela pra ensinar capoeira dentro da favela, até andavam dizendo que eu tava fazendo um motim pra atacar o governo, atacar o exército, e quando vinha a cavalaria, né, a gente botava capoeirista cercando as vila, cercando as entrada, pra ninguém entrar, e quando o pau, o soldado entrava e cê atacava ele subindo só com o bodoque, era bodoque e pedaço de pau. Hoje a capoeira é livre como tá hoje, ninguém da valor, aos velhos mestres capoeirista né, Mestre Tito também foi preso, Mestre Tigre, mais quem, o Bigode, muitos capoeirista não pegou essa época, nos anos de 68 e 69 o bicho tava pegando mesmo, até na década de 78 ainda tinha Ditadura Militar, depois foi acalmando, acalmando, nós foi dormindo na praça a polícia chegava jogava rede na gente, pegava a gente com rede, pau quebrando, fechava o quarteirão ninguém entrava, ninguém saia, nós, né, eu tinha uma regalia porque eu usava mais é pelo exército, então, tinha as costa quente, então era aquele conflito, soldado com exército, e a capoeira ia, a turma inteira, e aí tinha uma turma no exército que ia capoeira pra atacar a noite, foi a época que a polícia militar ia atacar o 12 (Décimo Segundo Batalhão de Infantaria de Belo Horizonte), tomar o 12 e num tomou (...)"

Os Mestres deixaram explícito em suas falas as proibições das rodas de capoeira nas ruas de Belo Horizonte no período do Regime Militar, bastava passar com o berimbau na mão que já era motivo para a polícia ficar de olho. Mas a polícia não era símbolo de autoridade total, pois alguns capoeiras enfrentavam os policiais e na maioria das vezes saiam vencedores. Essa trama da luta entre capoeirista e polícia sempre existiu, no início eram os donos de escravos, depois os capitães do mato e conseguinte a polícia.

A partir da pergunta sobre os benefícios e os malefícios que os Mestres tiveram com a Ditadura Militar foi definida a terceira categoria de análise.

CATEGORIA DE ANÁLISE	MESTRE MÃO BRANCA	MESTRE PRIMO	GRÃO MESTRE DUNGA
CONSEQUÊNCIAS DA DITADURA MILITAR	- TORTURAS; - MORTES.	- O SISTEMA; - A CULTURA; - MARGINALIZAÇÃO;	- PRECONCEITO; - O SISTEMA.

Mestre Mão Branca – “Eu no meu trabalho não tive prejuízo não, o prejuízo maior que possa ter tido, é indiretamente, num é um prejuízo direto a minha pessoa vamos dizer assim, mas indiretamente nós perdemos muitas pessoas intelectuais, muitas pessoas, ééé, que poderiam ter contribuído melhor com o Brasil, que tinham ideias legais para que o país fosse de todos realmente e que foram vítimas da Ditadura né, que foram torturado, morreram, que foram crucificados dizendo assim (...)”.

Mestre Primo – “Eu tive só benefício porque eu fiz do limão uma limonada, é o que eu te falei, entendeu, todo aquele processo de exclusão que eles fizeram, fez eu entender o valor da minha história, que me fez chegar aqui hoje, entendeu, então eu, quando eu chego aqui, o conjunto da obra pra mim nesse caso pra mim é que vale, que pra mim é isso, se eu não tivesse chegado aqui ele tinha feito malefício pra mim, ele tinha vencido, nesse processo aí eu venci o sistema, entendeu, porque ele fez de tudo pra eu não conhecer a minha história e eu fiz de tudo pra conhecer a minha história, então foi uma luta muito doida, entendeu, ele me tinha como marginal e eu, eu não sou marginal, não sou vagabundo, entendeu, é ocê que tá falando eu sou vagabundo, o sistema que colocava isso, ele tentava me marginalizar e a cultura tentava me valorizar, olha que doideira (...). A roda da capoeira me fazia entender mais o processo, toda mão que eu ia pra roda eu afirmava mais, com mais força, essa questão da minha herança, porque eu encontrava com minha história, eu ficava mais forte diante do sistema, eu fui ficando mais forte, a medida que eu fui conhecendo mais a minha cultura, eu, a sede de conhecer a minha cultura foi um trem muito doido, ela que ia me dando alimento ideológico, é, psicológico,

pra eu poder enfrentar o sistema, porque o sistema tenta, ataca seu psicológico também, porque nessa época ele te deixava sem emprego, sem nada, cê ficava todo regassado, é um passo pra cê ir pra marginalidade, quando você começa a se auto flagelar, que é isso que ele tenta fazer com cê, ele tira todas as possibilidades do cê avançar e deixa o cê sozinho pra cavar o seu buraco, ele faz isso, só que a cultura não deixou eu fazer isso, o Movimento Negro também não deixou eu fazer isso, que aí eu comecei a conhecer os heróis negros que a luta foi só de resistência, a história, os valores. (...) O sistema tentou me excluir, eu até fique excluído e depois me incluí na cultura e agora ensino a, agora eu vou tá de novo inserido no sistema, mas com a minha cara, com a minha forma de ver o mundo, não da forma, da linha que eles quiseram colocar pra mim, na linha do colonizado, do escravo, cê entendeu, porque a escravidão não acabou, eu consegui conhecendo a minha história, reverter o processo (...).”

Grão Mestre Dunga – “Tive, tive que, é, a questão de né, o preconceito né, isso aí separa um pouco as pessoa da gente né, separa família né, eu moro sozinho, eu moro aqui em baixo, meus filho mora cá em cima, lá em cima é deles, a gente tem mais ajuda dos amigos do que da própria família né, essa é a realidade, o tempo vai passando, passando e né, os governantes só promessa né, e não tem ajuda nenhuma, aposentei agora com salário mínimo agora, e vivo de, dando uns cursinho ali, vou ali dou uma palestra. A escravidão pra mim nunca acaba, a pessoa num fala, num mostra né, mas discrimina, aonde cê vai às vezes (...).”

Dois dos Mestres entrevistados apontam o sistema político ditatorial como o responsável pela sua condição de vida atual, apresentam formas de se apoiar na Capoeira e na cultura para sobreviver a um sistema excludente e preconceituoso. O Mestre 1 diz durante uma outra pergunta da entrevista que a Capoeira e o capoeirista sofrem preconceitos até os dias atuais e os Mestres 2 e 3 confirmam este preconceito em suas falas.

As mudanças ocorridas na capoeira por causa dos batizados, dos campeonatos, das graduações, das federações, da utilização dos uniformes e

da ida para as academias, gerou um desconforto em vários Mestres e capoeiras da época, apontando mais uma categoria de análise.

CATEGORIA DE ANÁLISE	MESTRE MÃO BRANCA	MESTRE PRIMO	GRÃO MESTRE DUNGA
A CAPOEIRA COMO ESPORTE NACIONAL	<ul style="list-style-type: none"> - GRADUAÇÕES; - BATIZADOS; - UNIFORMES; - ESPORTIVIZAÇÃO; - MESTRE BIMBA; - MESTRE PASTINHA. 	<ul style="list-style-type: none"> - GRADUAÇÕES; - ESPORTIVIZAÇÃO; - UNIFORMES; - MERCANTILISMO; - MESTRE BIMBA; - MESTRE PASTINHA. 	<ul style="list-style-type: none"> - GRADUAÇÕES; - ESPORTIVIZAÇÃO; - MESTRE BIMBA; - MESTRE PASTINHA.

Mestre Mão Branca – “Olha bem, o Mestre Bimba foi o cara que viveu a época que a capoeira tinha uma perseguição terrível, já era livre, mas era perseguido, tudo que era de origem negra era proibido, num pode, e o Mestre Bimba foi muito crucificado por algumas pessoas radicais, de não entender o papel dele nesse processo da, da visibilidade da capoeira, então os cara acusam Mestre Bimba (...). Mestre Bimba se fechou, criou a Capoeira Regional, deu estilo, deu nome, botou aos moldes que a sociedade ia falar “pô, isso aqui é uma coisa bacana!”, aí veja lá, essa que é a malandragem da capoeira, ele camuflou a capoeira (...). No momento ferrenho do Brasil, com a Ditadura o Brasil estava num momento duro, um cara pra peitar o sistema na época, na mandinga, pra enfrentar na mandinga, que ele não foi de porrada, como muitos caras foram e se ferrou, tomou cadeia, tomou cacetizada, várias vezes, como Mestre Caiçara mesmo e muitos outros, né, que não conseguiu ter essa visão, o sistema queria isso mesmo, ele fez diferente, veio cá botou uniforme pro cara, né, o branco já é tradicional, porque o escravo usava branco, a calça branca dentro da senzala, de saco, então ele botou no branco uma calça, eu sou fã de

carteirinha, então, ele deu uma visão, vamos dizer, meio esportista na capoeira, mas Mestre Pastinha não fez diferente não, Mestre Pastinha veio atrás e fez a mesma coisa, só que ninguém fala isso, né, sou fã do Mestre Pastinha também, a paixão dele, assim como Mestre Bimba, Mestre Pastinha foi lá e criou o CECA (Centro Esportivo de Capoeira Angola), esporte por que? Porque Getúlio Vargas queria, né, ver a capoeira com esse lado, de uma arte criada no Brasil, um esporte brasileiro, né, o esporte ele resgata, ele dá cidadania, ele aguça seu ego (...). O Mestre Bimba deu essa esportivização pra capoeira, deu esse sentido, mas não perdeu o lado cultural dela (...), o cara deu moral na nossa arte, levantou a nossa arte, Mestre Pastinha que não é bobo nem nada, foi lá e fez a mesma coisa, se organizou e levantaram a capoeira. Então o lado esportivo, o Mestre Bimba e Mestre Pastinha ficou lá trás, deixou isso pra gente e ficou lá trás, questão da esportivização, deixou lá trás, e num fui eu que cheguei aqui e criou a federação, não, eles lá trás já ditou pra gente a regra, o que a gente tá fazendo aqui, estamos reproduzindo hoje eles já fizeram lá trás meu amigo, a festa do batizado, quem criou foi Mestre Bimba, e fazemos hoje aqui, graduação, Mestre Bimba botou lá trás, hoje nós fazemos aqui, então, é por isso que eu falo, vem nego com conversa fiada e não tem barba pra tá falando, porque é cômodo às vezes, eu tenho que vencer a concorrência (...). Eu vejo muito mais questão política e financeira, do que nego falar que ama a arte, não tem nada a ver, porque Mestre Bimba provou isso pra gente, senão não teria esses vídeos gravados do homem aí, no Candomblé dele lá, tocando, e aí meu filho, não tem nada a ver uma coisa com a outra e eu sou extremamente a favor da capoeira esporte, como sou a favor da capoeira cultura, da capoeira como arte, a capoeira ela tem vários galhos meu irmão, ela pode ser explorada de todas as formas, por isso eu coloquei Capoeira Gerais, repito, tenho um aluno aqui que é lutador do UFC (...). O que acontece é política, é tudo política, é questão econômica, eu por exemplo, participei de campeonato, tenho experiência em campeonato, já fiz campeonato, produzo campeonato lá na Europa, faço campeonato europeu, já fiz seis campeonato europeu, vamos fazer agora o sétimo, sucesso total, em 2011 eu tive no Azerbaijão, teve o campeonato mundial lá, fui até campeão lá, negócio de outro mundo, ficamos em hotel cinco estrelas, desde aluno até

mestres, fui escoltado pelo exército, outro patamar, tem gente que não gosta, mas pra mim, a capoeira tem que estar em todos os patamares (...).

Mestre Primo – “Isso continua da mesma forma mantendo a linha do colonizador, mercantilismo, a folclorização, pra mim até a banalização do processo, mas é uma crítica minha e eu não eu não posso, ééé, por exemplo, intervir nesse processo que já tá dado, ele tem que continuar da forma que ele tá, agora o sabido vai buscar as outras coisas, que faz você crescer, né. A esportivização da capoeira também é ideia do colonizador, agora que capoeira virou patrimônio da humanidade, todo mundo tá de olho, aí eles estão querendo fazer isso, esportivizar pelo processo para ter mais domínio no espaço dentro do processo, isso funcionava na Capoeira Regional que ela veio mais dessa linha, a Capoeira Angola vai seguir de uma outra forma, buscando a linha ancestral, filosófica, todo o processo entendeu (...).

Grão Mestre Dunga – “Pior! Acabou aquela origem da capoeira, de entrar e ir no terreiro aí acabou, hoje em dia cê, hoje em dia é discriminado, o cara põe um abadá bonito e aquele capoeira de rua fica discriminado, até naquela roda que tá todo mundo bonitinho, é discriminado, eu não jogo, cê vai lá pra bater palma, ou só pra olhar, então a capoeira perdeu com essa mudança de graduações aí, acabou com a capoeira, a gente põe graduação que é a coisa, mas, a gente vê o talento do capoeira e assim eu não gosto de capoeira num tem jeito, eu até tive um cordão mesmo, mas pra mim é mesma coisa de nada, dá um diploma pra ele que vale muito mais, cordão só faz uso na cintura, se eu der um diploma na mão dele, é do Grão Mestre Dunga, é a lenda viva, se vê Pastinha, Bimba, que que fizeram com Mestre Bimba?, morreu na minguá, Pastinha morreu, sem terra pra enterrar, sem nada (...).

Como se pode notar nas respostas dos Mestres, todos falaram da Capoeira como esporte e citaram os Mestres Bimba e Pastinha. Aqui podemos identificar os dois lados da mesma moeda, tem quem é a favor da esportivização, das graduações, da utilização do uniforme, e há que é contra. Como já foi dito na resposta de um dos Mestres entrevistado, Mestre Bimba criou a festa do batizado, além do uniforme e da graduação na Capoeira Regional, Mestre Bimba não permitiu que a capoeira se perdesse por conta das leis que a

proibiam e seguiu o modelo de esporte nacional, atendendo as exigências do sistema político dirigido por Getúlio Vargas, mas com a intenção de manter viva a capoeira e de tirar a sua ligação com a malandragem, com a vadiagem (CAPOEIRA, 1998, p. 45).

Em conversar com Mestres renomados no mundo da capoeira, as federações de capoeira começaram no Rio de Janeiro na década de 50, rapidamente se espalhou para São Paulo, Minas Gerais e Bahia. Em Minas Gerais, especificamente em Belo Horizonte, a Federação Mineira de Capoeira se iniciou no final dos anos 80 tendo como fundador e presidente o Mestre Mão Branca, a Federação Mineira de Capoeira nasceu com o propósito de regulamentar a capoeira de Minas Gerais, só que essa atitude não caiu no gosto de muitos capoeiristas e Mestres, pois tiraria todo o contexto criado na capoeira mineira e toda liberdade que os Mestres tinha no que diz respeito à graduações, uniformes, etc. mas era fato que quem era filiado à Federação tinha mais benefícios em seus eventos, porém eram mais cobrados e deviam prestar contas à Federação.

Chega então a vez de Belo Horizonte entrar para a “era das academias” e da “exportação de capoeiras”. O primeiro a ter uma “academia”, ou melhor, o primeiro a ministrar aulas de capoeira em recinto fechado em Belo Horizonte, foi o Mestre Toninho Cavalieri, que ministrou aulas na ACM (Associação Cristã de Moços) da rua Aimorés, por dois anos e fundou o Grupo Opanijé em 1963, porém Mestre Mão Branca foi o pioneiro no que se diz respeito em academia exclusiva de capoeira, fundador do Grupo Capoeira Gerais, no início dos anos 80, no qual tinham aulas durante todo o dia e a noite e chegou a ter 800 alunos.

A Capoeira mineira ganhou destaque nacional por conta das suas rodas, tanto das rodas de rua aos domingos, quantos nas academias nos dias de sexta feira, capoeiristas do Brasil inteiro vinham vadiar nas rodas da cidade, do final dos anos 70 até meados dos anos 90, foram os anos de ouro da Capoeira mineira, rodas aconteciam em locais como teatros e quartéis, onde tinha um evento, tinha uma roda de capoeira, isso sem falar nos Batizados, que

aconteciam festa que chegavam a durar uma semana inteira com convidados do Brasil e do exterior.

Chegando ao final da entrevista, foi necessário saber como os Mestres definem o seu estilo de capoeira, era preciso saber o que eles têm para si quanto à maneira de se jogar capoeira.

Mestre Mão Branca – “eu defino minha capoeira é, é, gerais, é geral, eu gosto da capoeira, capoeira pra mim é, Pastinha fala, “É tudo que a boca come!”, então eu defino, nós somos da linha da Regional, não sou capoeira Regional porque não sou aluno de Mestre Bimba e não sigo os rótulos, minha essência é da linha (...)”.

Mestre Primo – “Eu sou Capoeira Angola! “Puff” (risos)”.

Grão Mestre Dunga – “Eu sou Capoeira, eu sou a Capoeira, Grão Mestre Dunga é a lenda viva da Capoeira!”.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS (IÊÊÊÊ)

“Adeus, adeus

Boa viagem

Eu vou me embora

Boa viagem

Eu vou com Deus

Boa viagem

Nossa Senhora

Boa viagem...”

Domínio público

A Capoeira é, sem dúvidas, uma arte/luta misteriosa, mística, maliciosa, instigante e prazerosa, que comporta cultura, esporte, folclore, arte, luta, jogo, dança, lazer. Através da Capoeira, os seus fiéis praticantes, se tornam homens e a tem como filosofia de vida. Capoeira não suporta preconceitos, ela é para todos.

O lê em uma roda de Capoeira serve para dar início e encerrar uma roda (o lê final é mais longo que o inicial (lêêê)), é depois do lê que música começa a ser cantada e após o lê final os instrumentos param sincronizadamente determinando o fim da roda.

Este estudo me proporcionou uma vivência aprofundada na história da Capoeira, conseqüentemente do país e de pessoas (Mestres) que foram protagonistas da construção, evolução e desenvolvimento da Capoeira Mineira.

Esta pesquisa teve por objetivo compreender os processos de resistência e enquadramento da prática da capoeira, em Belo Horizonte – MG, no período da Ditadura Militar (1965-1985). Diante da complexidade dos fatos e

das evidências, foi necessário o encontro com alguns dos protagonistas da época. Mestres reconhecidos no cenário mundial de Capoeira, Mestres que dedicaram toda a sua vida a esta arte, cheguei a perguntá-los por qual motivo não deixaram a Capoeira depois de tanto sofrimento e desenganos. As respostas foram unânimes, como se estivessem combinado, responderam-me que se parassem com a Capoeira, não haveria mais nada a fazer nesse mundo. Foi possível perceber que eles dedicaram e ainda dedicam todos os seus dias à Capoeira.

Através dos encontros com os Mestres, compreendi a necessidade da resistência, assim como, a necessidade do enquadramento. Tanto o ato de resistir como o de se enquadrar aos moldes do Regime Militar, foram estratégias de sobrevivência tanto da Capoeira quanto deles. Admiro estas pessoas que por mais que o mundo lhe diga não, ela não desiste e vai até o fim.

O Regime Militar, foi realmente muito opressor, pouco ou quase nada, se difere da autoridade e da restrição aos direitos humanos que havia no sistema escravocrata brasileiro, há quem diga que o sistema escravocrata brasileiro foi o mais massacrante e desumano da era moderna. É comum para quem não viveu durante este período ou quem não teve perdas, não se mobilizar quando dizemos o quão doloroso foi o Regime Militar, mas o fato é que milhares de pessoas foram presas, torturadas e até mortas apenas por não concordar com a imposição, ou pelo simples fato da polícia ou do exército achar que você devia algo, ou sabia de alguma coisa. É triste pensar que há tão pouco tempo, o Brasil se encontrava em um sistema onde a liberdade era corrompida por nada.

Sendo assim, fica fácil entender quando um Mestre de Capoeira “aceita” o que o sistema lhe impõe. Quando digo “aceita”, é porque mais uma vez, ele está usando da malandragem da Capoeira e utiliza das lacunas do sistema a seu favor, assim como Mestre Bimba fez ao criar a Capoeira Regional e a colocar, pela primeira vez, seus ensinamentos em um recinto fechado.

Do mesmo modo que não fica difícil apoiar um Mestre quando ele luta contra o sistema opressor reivindicando seus direitos, pois ele é detentor de um saber e tem todo o direito de se expressar e apresentar o que acredita.

Para conseguir chegar ao objetivo do estudo realizei uma pesquisa bibliográfica, que foi relatando a história tanto da Capoeira, quanto do Regime Militar e me instigando a buscar maiores saberes, surgindo a necessidade de uma pesquisa mais profunda, que seguiu o modelo qualitativo, através de entrevistas por pautas, que é norteadas por algumas perguntas e que oferece total liberdade ao entrevistado de expor suas ideias.

A escolha dos entrevistados foi através de conversas com o orientador e senso comum, pois os Mestres escolhidos foram protagonistas no desenvolvimento e divulgação da Capoeira de Belo Horizonte tanto no período do Regime Militar, quanto nos dias atuais, são Mestres, são ícones, são lendas.

As respostas adquiridas contam a história da Capoeira de Belo Horizonte. Os Mestres entrevistados, assim como outros da mesma época, realizaram um trabalho de valorização do capoeirista, do homem negro e da própria Capoeira. É perceptível em suas falas e atitudes o que eles desejavam, eles, assim como todo capoeirista, creio eu, era apenas poder jogar Capoeira com seus amigos e divulgar esta arte ao maior número de pessoas possíveis.

Contudo, o enquadramento e a resistência, de fato aconteceram durante o Regime Militar, o surgimento das academias, tendo a primeira em 1963, pelo Mestre Toninho Cavaliere e a partir do início dos anos 80, o Mestre Mão Branca protagonizou a ascensão da Capoeira, inaugurando um espaço exclusivo para a prática da capoeiragem, pois as outras academias tinham outras atividades, ginásticas e musculação, por exemplo, ou eram em espaços que continham outras atividades, como clubes e associações, escolas e creches. Mestre Mão Branca ainda trouxe de seus aprendizados, a utilização de uniformes e graduações, além da festa do Batizado e ainda fundou e presidiu a Federação Mineira de Capoeira. Pode-se dizer que foi uma revolução na Capoeira mineira, o que trouxe adeptos e antipatizantes.

A resistência maior ao sistema ditatorial ficou por conta do Grão Mestre Dunga, Mestre Boca, Mestre Negão e Mestre Chocolate e mais tarde, Mestre Primo e Mestre Coração, eles se denominavam pertencentes ao Movimento Anti Cordel. Não posso deixar de falar também do Movimento Negro de Belo Horizonte, que foi citado durante as entrevistas e que teve papel fundamental na identidade negra da cidade. O Movimento Negro era composto por capoeiristas e dançadores de Black Soul, entre eles, o Mestre Tito, que não diferente do Grão Mestre Dunga e do Mestre Boca, foi preso pelo Regime Militar, sambistas e artistas de rua.

A rua sempre foi palco de grandes episódios revolucionários, e mesmo sabendo que teriam de enfrentar a polícia, os capoeiristas do Movimento Anti Cordel ia para as ruas jogar capoeira e reivindicar seus direitos. A Capoeira de rua de Belo Horizonte é muito forte no contexto histórico da cidade e está viva até os dias atuais. A Capoeira de Belo Horizonte se iniciou nas ruas, nos quintais, nos terreiros e ela continua presente, na Feira Hippie, na Praça Sete, na Praça da Liberdade, na Praça da Rodoviária, hoje já chegou na Praça da Savassi, na Praça Raul Soares e na Praça da Estação. A roda da Praça Sete foi registrada pelo Grão Mestre Dunga, o que demonstra o seu valor.

Vejo que valeu a pena toda a luta dos Mestres da década de 60 a 90 para que a Capoeira Mineira entrasse para o reconhecimento da Capoeira nacional e mundial. Após anos de luta, repressão, preconceitos, rodas, companheirismo e amizade, a Capoeira venceu mais uma vez, uma luta que foi proibida desde o seu surgimento no Brasil, por volta de 1540, se transformou em arte, cultura, filosofia de vida, isso mostra a força e o poder que a Capoeira tem e que realmente ela “é tudo que a boca come” (Mestre Pastinha) e “é como água, se colocada em um recipiente ela transborda e faz um novo caminho” (Mestre Mão Branca).

IÊÊÊÊ!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Raimundo César Alves de. **A saga de Mestre Bimba** – Salvador, Ginga Associação de Capoeira, 2002.
- ARNS, Dom Paulo Evaristo. **Brasil: nunca mais (1985)** – 34ª edição – Petrópolis, Editora Vozes, 2005.
- CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira: pequeno manual do jogador** – 4ª edição – Rio de Janeiro, Record, 1998.
- CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira: galo já cantou** – 2ª edição – Rio de Janeiro, Record, 1999.
- CHALHOUB, Sidney. **A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista** – 1ª edição – São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- FIGUEIREDO, Lucas. **Olho por olho: os livros secretos da ditadura (1968)** – Rio de Janeiro: Record, 2009.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre – editora Artmed, 1998.
- JÚNIOR, Álvaro Francisco de Brito; JÚNIOR, Nazir Feres. **A utilização da técnica de entrevista em trabalhos científicos**.
- Le Goff, Jacques, 1924. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão, et al. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 1990.
- LIMA, Mano. **Dicionário de Capoeira**. 3ª edição revista e ampliada. Brasília, Conhecimento Editora, 2007.
- LUNA, Francisco Vidal e KLEIN, Herbert S. **Escravidão no Brasil**. São Paulo, Edusp: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. **As Cidades e o Acesso aos Espaços e Equipamentos de Lazer**. Impulso, Piracicaba, 2006.
- MARTINS, Ricardo Constante. **Ditadura Militar e propaganda política: a revista manchete durante o governo Médici**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São Carlos, 1999.
- MICHAELIS: **Dicionário da língua portuguesa** – São Paulo: Editora Melhoramentos, 2002.
- MORIN, Edgar. **A noção do sujeito**. In: **Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade**. Organizado por Dora Fried Schnitman – Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- NIGRI, Bruno Silva. **O SAMBA NO TERREIRO: Música, corpo e linguagem como prática cultural – apontamentos para o campo do lazer**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, julho de 2014.
- PIANA, Maria Cristina. **A pesquisa de campo**. São Paulo, editora UNESP, 2009.
- PIMENTEL, Alessandra. **O Método Da Análise Documental: seu uso numa pesquisa historiográfica** – Cadernos de Pesquisa, n.114, novembro de 2001.
- REIS, Daniel Aarão, RIDENTI, Marcelo, MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). **O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)** – Bauru, SP: Edusc, 2004.
- REY, Fernando González. **A investigação qualitativa em psicologia: rumos e desafios** – São Paulo: EDUC, 1999.
- REY, Fernando González. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade**. São Paulo: Learning, 2012.

- RODRIGUES, Willian Costa. **Metodologia Científica**. FAETEC/IST, Paracambi, 2007.
- ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.
- SANTO, Ruy Cezar do Espírito. **Pedagogia da transgressão: um caminho para o autoconhecimento** – 8ª edição – Campinas, SP: Papirus, 2007.
- SETE, Mestre Bola. **A Capoeira Angola na Bahia** – 4ª edição – Rio de Janeiro: Pallas, 2003.
- SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A Capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808 – 1850)** – 2ª edição revisada e ampliada – Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2004.
- SOUSA SANTOS, Boaventura. **Um discurso sobre as ciências**. 5a. ed. São Paulo: Cortez, 2008).
- SZYMANSKI, Heloisa. (org) **Entrevista na Pesquisa em Educação: a prática reflexiva**. Brasília, DF: Líber Livro, 2004.
- SILVA, Sonaly Torres da. **Capoeira: movimento e malícia em jogos de poder e resistência**. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2007.
- TAVARES, Flávio. **1964: O golpe**. Editora Porto Alegre, RS: L&PM, 2014.
- TAVARES, Júlio César de. **Dança de guerra – arquivo e arma: elementos para uma teoria da capoeiragem e da comunicação corporal afro-brasileira** – Belo Horizonte: Nandyala, 2012.
- YAHN, Carla Alves de Carvalho. **UM CANTO DE LUTA E LIBERDADE ECOA NA CAPOEIRA ANGOLA**. Unesp, 2010.

LEITURAS COMPLEMENTARES

- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício do Historiador**. Tradução autorizada da edição francesa publicada em 1997 por Armand Colin, de Paris, França. Edição brasileira, Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 2002.
- JÚNIOR, Luis Vitor Castro. **Campos de Visibilidade da Capoeira Baiana: as festas populares, as escolas de capoeira, o cinema e a arte (1955-1985)**. Brasília: Ministério do Esporte/ 1ª Prêmio Brasil de Esporte e Lazer de Inclusão Social, 2010.
- LUNA, Sérgio V. de. **O falso conflito entre tendências metodológicas**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 66, 1988.
- MELO, Victor Andrade de. **Lazer, modernidade, capitalismo: um olhar a partir da obra de Edward Palmer Thompson**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 45, p. 5-26, jan./jun. 2010.
- MOLON, Susana Inês. **Subjetividade e Constituição do Sujeito em Vygotsky** – Petrópolis – RJ, Editora Vozes, 2010.
- SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. 3ª edição revisada e atualizada. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

SOMERS, Dale A. **The Leisure Revolution: Recreation in the American City, 1820–1920.** *The Journal of Popular Culture*, v. V, issue 1, p. 125-147, Summer 1971.

ANEXO A – TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: A Capoeira no período da Ditadura Militar (1964 – 1985) no contexto de Belo Horizonte – MG: Diálogos acerca dos processos de Resistência e Enquadramento na prática da Capoeiragem.

PESQUISADOR: Leonardo Fernando de Jesus

Esta pesquisa tem como objetivo compreender os processos de resistência e enquadramento da prática da capoeira, em Belo Horizonte – MG, no período da Ditadura Militar (1965-1985). A pesquisa será desenvolvida utilizando um guia de entrevista semiestruturada e pesquisa documental.

Você é convidado a participar voluntariamente desta pesquisa realizada pelo pesquisador LEONARDO FERNANDO DE JESUS, orientado pelo professor Dr. Walter Ernesto Ude Marques, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, visando investigar os processos de resistência e enquadramento da praticada capoeira em Belo Horizonte, no período da Ditadura Militar.

Você será convidado a se encontrar com o pesquisador conforme sua disponibilidade e agendamento prévio para que possa responder à entrevista, que será gravada em formato de áudio (MP3, através do celular) e de vídeo (MP4, através da filmadora).

A partir da leitura deste termo, da sua compreensão e do seu esclarecimento de todos os procedimentos que envolvem esta pesquisa, está claro que qualquer desconforto e constrangimento durante as entrevistas posso recusar-me a participar deste estudo ou que posso abandoná-lo a qualquer momento, sem precisar me justificar e sem qualquer constrangimento.

Quanto a sua participação, será garantido o anonimato, e os dados obtidos serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa pelos pesquisadores.

Por meio deste, também é consentido que, ao final do estudo, os resultados sejam publicados em forma de uma dissertação e também artigos acadêmicos, sem que o/a entrevistado (a) seja identificado (a).

Foi-me informado que não está prevista qualquer forma de remuneração e que todas as despesas relacionadas com o estudo são de responsabilidade do pesquisador.

Todas as dúvidas foram previamente esclarecidas, mas, se durante o andamento da pesquisa, novas dúvidas surgirem, tenho total liberdade para esclarecê-las com a equipe responsável.

Portanto, concordo com o que foi exposto acima e dou o meu consentimento.

Belo Horizonte, _____ de _____ 20__.

Assinatura do (a) voluntário (a): _____

Assinatura do (a) pesquisador (a): _____

Telefone do pesquisador: (xx) xxxxxxxx. Comitê de Ética em Pesquisa (UFMG). Av. Antônio Carlos, nº 6.627, campus Pampulha, Belo Horizonte/MG, CEP 31.270-901. Unidade Administrativa II, 2º andar, sala 2.005. Telefone: 3409-4592.

Telefone do Comitê de Ética da Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura de Belo Horizonte: 3277 5309.

ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1 – Como foi o seu ingresso na Capoeira?
- 2 – Por que o senhor escolheu a Capoeira?
- 3 – Como o senhor viu a relação da Capoeira com a Ditadura Militar?
- 4 – Como eram as rodas de capoeira na época da Ditadura Militar?
- 5 – O senhor sofreu algum tipo de repressão por causa da Ditadura Militar?
- 6 – O senhor teve algum benefício por causa da Ditadura Militar?
- 7 – O senhor notou alguma transformação da Capoeira por meio de batizados, campeonatos, graduações, federação ou estatutos?
- 8 – Quais foram os impactos dessa transformação?
- 9 – Todos da sua época aceitaram esse novo modelo de Capoeira?
- 10 – Qual estilo de Capoeira o senhor se define? O senhor considera que seu estilo segue um modelo de enquadramento à ideia de Esporte Nacional?